

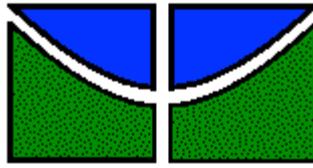


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**EXISTE LUGAR NA ESCOLA PARA OS DESENHOS ANIMADOS?
AS INQUIETAÇÕES DE UMA EDUCADORA SOBRE OS
DESENHOS ANIMADOS QUE AS CRIANÇAS GOSTAM**

Elizabeth Ferraz Leite

**Brasília - DF
Dezembro de 2011**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**EXISTE LUGAR NA ESCOLA PARA OS DESENHOS ANIMADOS?
AS INQUIETAÇÕES DE UMA EDUCADORA SOBRE OS
DESENHOS ANIMADOS QUE AS CRIANÇAS GOSTAM**

Elizabeth Ferraz Leite

**Brasília - DF
Dezembro de 2011**

Elizabeth Ferraz Leite

**EXISTE LUGAR NA ESCOLA PARA OS DESENHOS ANIMADOS?
AS INQUIETAÇÕES DE UMA EDUCADORA SOBRE OS
DESENHOS ANIMADOS QUE AS CRIANÇAS GOSTAM**

Trabalho final de curso – TFC – apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Dr. Bráulio Tarcísio Porto de Matos, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Comissão Examinadora:

Professor Dr. Bráulio Porto de Matos (Orientador)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Professora Leda Breitenbach Barreiro (Examinadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Professor Mestre Tadeu Queiroz Maia (Examinador)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Data da aprovação: ___/___/2011

**Brasília - DF
Dezembro de 2011**

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, que a todo o momento tem cuidado de mim; aos meus pais, pela dedicação e perseverança em prol da minha educação; ao meu esposo; amigo e companheiro que sempre me deu força para vencer os obstáculos e à minha filha, que me compreendeu nos momentos difíceis; ao meu orientador, sempre me mostrando que sou capaz.

AGRADECIMENTO

Durante o percurso deste trabalho acadêmico, gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram para o meu crescimento profissional. Foi uma trajetória muito difícil. Sem o apoio dessas pessoas não teria conquistado e alcançado o meu objetivo.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por ter me conduzido nessa jornada, dando força para vencer todos os obstáculos. Sou uma pessoa muito abençoada por Ele ter colocado pessoas para me auxiliar.

À minha mãe, Eli, que é minha amiga, que me apoiou, ajudou-me em oração. Nos momentos que realmente estava precisando, se fez presente na minha vida, especialmente no período das entrevistas na escola.

Ao meu marido Ronaldo, meu melhor amigo e meu porto seguro, pela paciência em revisar os meus trabalhos. Sempre esteve presente em todos os momentos, dando forças para não desistir dos meus sonhos, compreendendo o tempo reduzido para nós dois.

À minha filha Milena, minha amiga, que me acompanhou nesses momentos difíceis, ajudando nas tarefas de casa e digitando os meus trabalhos. Sou grata a Deus por ter uma filha querida e companheira.

Aos meus irmãos, que me apoiaram para conseguir atingir os meus objetivos.

Aos meus pastores, Ivan e Rosangela, de Natal-RN, pelas orações, que sempre me ajudaram. Além disso, ficavam com minha filha quando eu precisava.

Agradeço também aos meus amigos de Natal e a minha professora Denise Caballero, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Natal, que me ensinou e compreendeu as dificuldades das minhas viagens para o Rio de Janeiro.

Ao meu professor Henrique Sobrano, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que participou do meu crescimento profissional. Tive o privilégio de assistir, como convidada, a algumas de suas aulas ministradas na pós-graduação.

Aos meus pastores Paulo e Danielle Gaudard, do Rio de Janeiro, pelas orações, pelo incentivo para que eu conquistasse meu alvo. Esse agradecimento é extensivo a todos os meus amigos do RJ.

Às minhas amigas da Universidade de Brasília, principalmente Raquel Vasconcelos Silva e Sarah Carollyne, pela companhia, incentivo e ajuda nessa caminhada.

Aos amigos que conquistei em Brasília, Joeleno Nunes, Angela Prado, por terem revisado o trabalho e terem me apoiado, principalmente nessa fase final. Geraldo Magela, Maria da Penha, Sino e Fernando Botão, enfim todos que de alguma forma colaboraram, em oração, com palavras amigas.

Ao funcionário Manoel Alves da Costa, Posto da SAA/FE, que tanto me ajudou e de várias maneiras.

Aos vários professores da Faculdade de Educação, em especial Esther Mendes, que, desde meus primeiros dias na UnB, me motivou a não desistir dessa caminhada; Leda Barreiro, Sandra Ferraz, Maria de Fátima Guerra, Maria Alexandra Rodrigues, Fátima Rodrigues Lucília, Tadeu Queiroz, ensinaram-me muito mais que teorias e contribuíram para minha formação. Enfim, a todos que participaram diretamente e indiretamente, em especial ao meu orientador, professor Bráulio, por acreditar no meu potencial, por me incentivar, não me permitindo desistir dessa jornada e por ser um exemplo de professor e de pessoa.

LEITE, Elizabeth Ferraz. **Existe Lugar na Escola para os Desenhos Animados? As Inquietações de uma Educadora sobre os Desenhos Animados que as Crianças Gostam**. Brasília. DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso-Graduação em Pedagogia), 2011.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema: Existe Lugar para os Desenhos Animados? As Inquietações de uma Educadora sobre os Desenhos que as Crianças Gostam. Analisa as teorias de McLUHAN fundamentadas na concepção: “o meio é a mensagem”. Estamos inseridos nesse mundo transformado pela aldeia global, onde todos nós recebemos as mesmas informações e em grande velocidade. Isso nos leva a adquirir os mesmos padrões. Parece que de alguma maneira estamos sendo persuadidos, como diz McLUHAN, “entorpecidos” por alguma forma de comunicação avançada. É essencial ter cuidado na infância que é o início da vida, onde se adquire sentido e percepção das coisas. Nessa fase a criança está em formação, necessita de ser orientada em todas as áreas para se tornar um ser crítico, principalmente em relação aos desenhos animados que assiste. KOHAN (2010). O brincar para criança proporciona momentos de criatividade, libertação, nesse mundo de faz-de-conta, onde a criança passa a construir e reconstruir simbolicamente pequenos objetos. Esse mundo tem sido ameaçado, a cada dia, pela Indústria Cultural BENJAMIN (2002). Trago uma reflexão sobre a ideologia que faz presente na classe dominante e no sistema capitalista, abuso de trabalho, por meio das histórias em quadrinhos, especificamente as do Tio Patinhas, como esses episódios influem e se misturam com a realidade da sociedade moderna MARTINS (1980). Os conteúdos e as imagens difundidos pelos livros didáticos, através dos textos, mostram a ideologia que a classe dominante deseja incutir nos alunos. Na visão da NOSELLA (1979) esse mecanismo consiste em construir, de forma sutil, uma “visão de mundo” isenta de conflitos sociais, um mundo justo e belo. É fundamental que a escola ensina aos alunos a ter um olhar crítico, posicionando-se, não como consumidores de imagens técnicas, mas como telespectadores críticos, que contestam e são capazes de criar transformações na indústria da imagem técnica MAIA (2008). Ter um olhar crítico em relação a essa “babá eletrônica” que cuida dessas crianças favorecendo momentos de distração. Tanto a família como os educadores precisam aprender a instruir em relação à qualidade dos produtos que é oferecido pela televisão, para não serem ingênuos ao ponto de considerarem que qualquer desenho animado é adequado para as crianças, FUSARI (1985). Os pensadores da Escola Frankfurt, na década de 1940, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, como os primeiros a usarem a expressão “indústria cultural”. Eles reconheceram a Indústria Cultural como indústria de entretenimento e a criticavam que admitia

apenas um “falso prazer” e induz ao homem a ser alienado dos seus projetos de vida e da sociedade (COELHO (2007). A pesquisa (enquete) é aplicada, exploratória e pretende desencadear estudos posteriores. Tem aspecto de uma enquete semi-estruturada, com opiniões adaptadas e qualitativas, abrangendo perguntas abertas, quantitativo por ter perguntas padronizadas.

Palavras-chave: Desenho Animado, Aluno, Escola, Meios de Comunicação, Televisão e Indústria Cultural.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	5
AGRADECIMENTO.....	6
RESUMO.....	8
SUMÁRIO.....	10
APRESENTAÇÃO.....	12
I PARTE – MEMORIAL	13
II PARTE – PESQUISA	20
INTRODUÇÃO.....	21
JUSTIFICATIVA.....	21
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
1.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	22
1.2 INFÂNCIA.....	24
1.3 INFÂNCIA NA ESCOLA.....	25
1.4 BRINQUEDO.....	26
REVISTA EM QUADRINHOS (GIBI).....	29
LIVRO DIDÁTICO.....	34
CINEMA.....	36
TELEVISÃO.....	38
INDÚSTRIA CULTURAL.....	46
CAPÍTULO 2 - OBJETIVOS.....	50
2.1. OBJETIVO GERAL.....	50
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	50
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	50
CAPITULO 4 - RESULTADO E ANÁLISES.....	54
PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS.....	56

PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS.....	80
CONCLUSÃO.....	88
CONSIDERAÇÕES PESSOAIS.....	90
III PARTE - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
ANEXOS.....	97
APÊNDICES.....	107

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa é fruto da minha trajetória escolar e da minha inquietação como mãe e educadora, sob a orientação do professor Bráulio Tarcísio Porto de Matos.

O trabalho foi desenvolvido nos dois semestres de 2011. É composto por três partes: a primeira refere-se ao memorial educativo, em que destaco minha trajetória acadêmica pela Universidade Estadual Vale do Acaraú RN, Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade de Brasília e contextualizo um pouco sobre minha trajetória pessoal, minhas séries iniciais e o desejo de tornar-me uma educadora; a segunda é focada na pesquisa desenvolvida na escola e a terceira refere-se às minhas perspectivas profissionais como educadora.

Na justificativa apresento o tema “Existe Lugar na Escola para os Desenhos Animados”? As Inquietações de uma Educadora sobre os Desenhos Animados, que as Crianças mais Gostam. Destaco que há poucos estudos publicados no Brasil, sobre a relação entre o desenho animado e a escola.

O capítulo 1 inicia com a fundamentação teórica que reúne os seguintes assuntos e temas: meios de comunicação; teorias de McLUHAN; infância; infância na escola; brinquedo; gibi; livro didático; cinema; televisão e indústria cultural.

O capítulo 2 trata da reflexão e percepção, por parte dos educadores, da preferência das crianças; como essas mensagens são avaliadas. Procuramos também identificar se a escola utiliza programas de televisão como parte atividades regulares.

No capítulo 3 apresentamos a metodologia de pesquisa aplicada, a caracterização dos sujeitos participantes e dos instrumentos utilizados e os procedimentos de coletas de dados.

No capítulo 4 são exibidos e discutidos os resultados dos dados levantados, no contexto da pesquisa tem um aspecto de enquete, com opiniões adaptadas. Em seguida são apresentadas as conclusões do trabalho.

Na terceira e última parte são abordadas as minhas expectativas profissionais, em meio às quais destaco os planos imediatos e futuros para minha trajetória acadêmica e profissional.

I PARTE
MEMORIAL

Nasci no Rio de Janeiro, no município de Nilópolis - Baixada Fluminense, filha de Dimas Galdino Ferraz e Eli da Silva Ferraz, os quais dedicaram suas vidas à família e sempre me incentivaram a estudar e nunca desistir dos meus sonhos.

Minha trajetória escolar começou a partir dos sete anos. O desejo de aprender a ler me fazia ficar lendo todos os cartazes que existia pelas ruas e tentando juntar as palavras, os meus pais contribuíram para o meu aprendizado.

O meu percurso escolar, desde o ensino fundamental até os dias atuais, levou-me cada vez mais a admirar a arte de educar. Ficava observando as atitudes de minha professora Cléia, da 1ª série do ensino fundamental, seu modo de ensinar. Fui amadurecendo o desejo de ser educadora. Esse sentimento de alcançar grandes conquistas transformou-se em um grande sonho na minha vida estudantil.

Na adolescência, esse anseio em trabalhar diretamente com crianças levou a investir nessa área. Iniciei minhas atividades lecionando nos bancos escolares da minha igreja, mais voltada para o público infanto-juvenil. Percebia o quanto precisava adquirir conhecimentos. Assim, fiz vários cursos no campo de ensino religioso, decidindo ir além do aporte cultural que já havia obtido. Enfim, em 2003, resolvi fazer vestibular para o curso de Pedagogia, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA) no Rio Grande do Norte, obtendo êxito com aprovação em uma instituição pública de grande valor. Senti-me muito orgulhosa com esse feito.

Nessa universidade cursei dois semestres, que contribuíram muito para o meu crescimento profissional. Além disso, tive a oportunidade de aprender alguns projetos na área de ensino que me trouxeram vasta experiência: um foi desenvolvido em uma escola, o outro em uma empresa e, por fim, em uma instituição não governamental. Como profissional da área de pedagogia, o fato de atuar na educação infantil nas séries iniciais do ensino fundamental, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em contextos extra-escolares, como Organizações Não Governamentais (ONGs), me levou a enxergar novos horizontes no aprendizado, onde jamais imaginei a conquistar.

Um desses projetos de que fiz parte foi a “Educação para o Trânsito nas Escolas”, uma proposta de inclusão social muito divulgada naquele momento. Assim sendo, pude levar à direção pedagógica da escola um projeto de educação no trânsito sobre “respeitar a sua vida e a do próximo”. Direcionei-me nos princípios que sempre regeram o meu convívio social, qual seja: transformar o meu semelhante, referenciado em uma frase Bíblica muito conhecida: “Amar ao próximo como a ti mesmo”. Assim, pude formatar a importância do respeito às regras, bem precocemente para os pequeninos, no intuito de amalgamar em suas mentes o caráter de um verdadeiro cidadão do bem.

Lamentavelmente, em virtude do trabalho do meu marido, que foi transferido para o Rio de Janeiro em 2004, interrompi esse projeto de concluir o aprendizado acadêmico e, conseqüentemente, para acompanhá-lo, tive que me transferir para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A universidade ofereceu subsídios para o meu desenvolvimento cognitivo, proporcionando-me contatos com a educação especial no Instituto Benjamim Constant. Convivi e aprendi com a realidade dos deficientes visuais e um pouco do método de Braille. Essa experiência foi enriquecedora para mim, por pertencer a salas de aula com turmas da educação especial em primeiro momento, posteriormente com as de educação inclusiva e, finalizando, com turmas ditas “normais”. Nesse contexto, fui preparando através da teoria e da prática para ser realmente uma grande educadora.

Ao me submeter a um processo de aproveitamento de disciplinas na UERJ, soube que a instituição não aceitou os meus créditos, além de não levar em consideração o aprendizado que havia adquirido ao longo desses semestres. Isso me deixou desmotivada para prosseguir na carreira de Pedagoga e resolvi trancar minha matrícula por um tempo, porém sem jamais desistir desse sonho.

Mais adiante, ocorreu a transferência para a Universidade de Brasília (UnB), pelos mesmos motivos supracitados com relação ao meu marido. Confesso que a vontade foi de abandonar o curso, por tantas transições e pelas dificuldades que encontrei em aproveitar o que conquistei nos bancos escolares. No entanto, com disciplina e dedicação aos estudos, que me fizeram abnegar do tempo com a minha família e meus amigos, pude me aprofundar cada vez mais na aquisição de conhecimentos. Hodiernamente, posso confessar que valeu a pena todo o esforço para atingir o meu propósito profissional.

Na UERJ, o processo de aproveitamento foi feito no primeiro semestre que matriculei completamente diferentemente na UnB. Entrei nesta universidade no primeiro semestre de 2008, no entanto, somente em 2009 consegui dar entrada com o processo de aproveitamento das matérias, em virtude do plano de curso não estar de acordo com as normas da UnB. Acredito que essas questões deveriam ser resolvidas entre as instituições de ensino, fora do campo racional. Então, todo esse transtorno acabou me desmotivando, pois tive que refazer as mesmas disciplinas, ao invés de evoluir no processo de aprendizagem.

Participei do “Projeto Sujeito, Linguagem e Aprendizagem” realizado em duas fases, onde pude destacar algumas disciplinas que contribuíram para o meu crescimento.

Na primeira fase fui para uma escola com uma turma especial de três alunos e percebi a importância do processo de construção do conhecimento. O sujeito depende do ambiente favorável que possibilite e auxilie no manuseio dos objetos, medeie a exploração do ambiente, jogos, brincadeiras e viabilize a sua interação comunicativa.

Vale ressaltar o pensamento de VIGOTSKI (1998, p. 135): o brincar faz parte do mundo imaginário da criança, onde os seus desejos que não são realizados no mundo real, podem se realizar no mundo dela, que chamamos de brincar de faz-de-conta, mesmo numa situação imaginária, o jogar exige regras de comportamento, mesmo que não seja um jogo de regras formais que são estabelecidas, mas elas devem ser cumpridas. No entanto, o mundo imaginário da criança se aproxima da sua vida real. O papel das brincadeiras, no desenvolvimento da criança é fundamental no processo da aprendizagem.

Na segunda fase, fui para a clínica da professora Cristina Madeira. Acompanhei um aluno com Síndrome de Down. As observações feitas abordaram a relação de aprendizagem e desenvolvimento desse aluno dentro da dinâmica de atividades, que possibilitava (favorecia) de forma significativa seu mundo real. Essa pesquisa visava compreender o comportamento de um aluno especial, como ele se relacionava e como ele enxerga o mundo que o cerca.

A teoria de VIGOTSKI (1994) está relacionada ao desenvolvimento e à aprendizagem do ser humano. Essa construção se dá na infância, estendendo-se por toda a vida. Ao longo desse desenvolvimento e da aprendizagem vão surgindo zonas ou estágios, onde o ser humano vai se construindo. VIGOTSKI (2000) diz que o sujeito se constrói através da mediação de outro e essa aprendizagem (objeto) é internalizada e amadurecida. A criança é um ser social desde que nasce e, ao longo do desenvolvimento, vai negociando os significados dos objetos e das palavras com o outro do seu contexto cultural.

Esse trabalho contribuiu para um novo olhar da prática pedagógica, uma vez que o meu foco foi analisar o sujeito como se desenvolve, por meio do brincar e, de forma educativa, trouxe uma experiência no aprendizado. Esse momento foi significativo na minha vida acadêmica e principalmente na pessoal.

Destaco também algumas disciplinas, expostas a seguir, que foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico.

Na disciplina Educação Infantil estudei sobre o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que tem algumas finalidades: colaborar com o planejamento, desenvolvimento e

avaliação de práticas educativas, observar atentamente pluralidade e diversidade étnica, religiosa, gênero, social e cultural das crianças brasileiras, beneficiando a construção de propostas educativas que respondam às demandas das crianças e seus familiares nas diferentes regiões do país.

O referencial que se obtém da escola na educação infantil é muito importante, pois acaba nos influenciando na aprendizagem de acordo com a relação afetiva que temos com os nossos professores.

Na disciplina Educação em Geografia, os temas mais importantes abordados foram: a cartografia, o esquema corporal, a lateralidade, o senso de direção, as relações espaciais e o estudo do meio.

Posso destacar o texto da CALLAI, que fala da importância de compreender o lugar em que se vive, pois dá oportunidade ao sujeito de entender os fatos que ocorrem na sua cidade, conhecer suas origens, abranger seu mundo. Cada lugar é repleto de histórias e de pessoas, nenhum lugar é neutro. Já o texto de VESENTINE, relata a importância do estudo do meio, o papel fundamental que tem na vida do aluno. Traz uma visão diferente ao observar a história do lugar, por intermédio dessa pesquisa os estudantes têm a oportunidade de documentar a história da cidade.

Na disciplina Filosofia com Criança, em 2009, proporcionou-me momentos de reflexões e, principalmente, deu-me oportunidade de conhecer um cardápio de leituras prazerosas, onde pude selecioná-los. Confesso que fiquei entusiasmada com esta disciplina que também me incentivou a querer ler cada vez mais. Assim, ALVES (2011, p. 49) compara o prazer de ler como “pratos refinados, que começam por dar prazer ao corpo e terminam por dar alegria à alma. E há as gororobas, que causam vômitos e diarreias no corpo e perturbações na alma”.

Nesta disciplina tive oportunidade de visitar uma escola no Recanto das Emas e foi uma experiência marcante. Fiquei extremamente indignada ao saber que a escola não tem recursos adequados que motivem as crianças a estudar e ademais, sua estrutura física é bastante decadente, de madeirite funcionando dessa forma, que deveria ser provisória, há mais de oito anos.

A disciplina Pesquisa em Educação contribuiu para o meu aprendizado em relação a como fazer uma pesquisa de campo e, inclusive, por estar utilizando todo esse conhecimento para concluir o meu Trabalho Final de Curso.

A disciplina Pensamento Negro Contemporâneo, pertencente a outro departamento, como atividade de extensão, foi essencial para meu progresso como educadora. As reflexões feitas sobre racismo, preconceito e discriminação fizeram toda diferença. A partir de então pude observar a importância das discussões sobre esses assuntos e outros, como a violência. Acredito que essa disciplina deveria fazer parte do currículo da Faculdade de Educação. Os educadores vão para a

escola sem saber como enfrentar esses problemas. CAVALLEIRO (2001) destaca que é preciso reconhecer que há discriminação nas escolas, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores, pois somente dessa maneira pode-se pensar em uma educação anti-racista.

As disciplinas, que vivenciei na Universidade levaram-me à reflexão de que tipo de educadora eu quero ser. Destaco de forma especial os professores: Esther Mendes (aposentada), de Orientação Educacional, Leda Barreiro, da Oficina Vivencial e o professor Tadeu Maia, da Filosofia com Criança,

Além dessas disciplinas, não poderia deixar de falar das Universidades pelas quais passei. Na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), onde iniciei os estudos acadêmicos, o curso era voltado para a formação de pedagogos atuantes em sala de aula. Ao mudar para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), por ter currículo antigo, pude optar pela administração escolar e não pela regência. Na minha grade curricular selecionei disciplinas optativas para ampliar meus conhecimentos e exercer com êxito a função de educadora. Entretanto, ao iniciar meus estudos na Universidade de Brasília (UnB), meu currículo foi atualizado, perdendo com isso a habilitação em administração escolar, passando a ter a habilitação em licenciatura.

Como futura pedagoga, poderei atuar em diferentes segmentos. O caminho que sempre desejei seguir é estar em sala de aula, por isso que busquei fazer disciplinas voltadas para a Educação Infantil. Infelizmente a universidade não me ofereceu disciplinas essenciais para o meu aperfeiçoamento como docente, tais como “Psicomotricidade” e outra que tratasse do “Brincar com crianças na escola”. Essa última somente é oferecida na disciplina chamada Projeto Três, no horário da tarde. Acredito que a instituição deveria aumentar a oferta de disciplinas e projetos, inclusive pela internet, para que o aluno possa ter um leque maior de opções.

Na Faculdade de Educação senti falta de discussões sobre a realidade da escola com relação ao “bullying”. Tivemos apenas uma disciplina que abordou muito superficialmente esse tema. Sobre violência, racismo e preconceito, que ocorre constantemente no ambiente escolar, não houve tantas reflexões como seria necessário. Tive de recorrer aos outros departamentos para aprofundar-me nessas questões. Mesmo com as dificuldades acima ressaltadas, a universidade não deixa de ter sua importância, pois tem a capacidade de ampliar nossos conhecimentos, além de atuar em vários segmentos. Dá oportunidade para que o aluno cresça profissionalmente. Propõe caminhos diferentes para que o universitário possa se aperfeiçoar cada vez mais. O curso de Pedagogia me proporcionou

esse crescimento profissional, por meio de vários projetos, pesquisas, e com a liberdade de escolhas das disciplinas optativas e em outros departamentos.

Pelo fato da sociedade apostar na educação como plataforma de seu desenvolvimento, cada vez mais, minhas expectativas estão aumentando com relação à criança. Verifica-se que a estrutura familiar tem mudado. Antigamente as mães ficavam em casa cuidando de seus filhos, mas hoje, pela necessidade de sobrevivência, as mães precisam trabalhar mais para sustentar a sua prole, muito diferente de outrora.

Em sua ausência, as crianças ficam expostas à televisão, com vários tipos de programas que denigrem o conceito de valor, moral, ética. Dessa forma, sem a presença familiar que acompanhe essas crianças e as oriente, inclusive com a relação ao que passam na televisão, os pais creem que a escola possibilite um ambiente, onde seus filhos poderão ser orientados, por meio de seus educadores.

WINN relata os prejuízos que a tele dependência causa às crianças. Toda criança precisa do aconchego familiar e é essencial para o seu crescimento o afastamento da TV. O excesso da televisão causa dependência e contribui para redução do vínculo maior entre a família. O papel do educador surge como transformador, ou seja, pode orientar e até mesmo sugerir programações, bem como ajudar na escolha de entretenimentos que não sejam tão negativos, uma vez que as crianças ainda não sabem discernir entre o certo e o errado (apud, ERAUSQUIN, 1983, P. 22).

Para concluir, é fundamental que a escola preencha esta lacuna na vida da criança e que auxilie as famílias a resgatarem os valores que estão tão devassados ultimamente. Eu sei que muitas vezes atribuímos muitas responsabilidades à escola, mas se analisarmos profundamente, uma das grandes oportunidades que os alunos têm de transformação em suas vidas, acontece durante o pequeno momento que passam naquele ambiente. Há uma grande diferença quando se consegue fazer com que se sintam um pouco felizes. Basta cuidar com amor, talvez sejam adultos realizados.

Como futura educadora, tenho um grande desafio, proporcionar aos meus alunos esses conhecimentos para que possam desenvolver a sensibilidade diante do lugar à sua volta e estimular a sua visão crítica diante da televisão, do cinema e dos livros didáticos para não serem manipulados.

Faço minhas as palavras abaixo:

“Eu nunca poderia pensar em educação sem amor. É por isso que eu me considero um educador: Acima de tudo porque eu sinto amor”. (FREIRE, Paulo)

II PARTE
PESQUISA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da escola em relação aos desenhos animados e como aluno utiliza esses programas em suas atividades regulares, se transmite valores ou anti-valores e se professores têm conhecimento dos desenhos que a criança assiste.

A relevância desse estudo é levar os educadores a refletir sobre os programas de televisão que apresentam na escola. Compreender a importância do desenho animado infantil inserido na vida do aluno. A televisão é um mercado competitivo, que transfere todos os dias opiniões que são absorvidas com se fossem verdades. Seu público alvo costuma ser a criança, o quanto os personagens o atraem e por isso deseja imitá-los.

O mundo das brincadeiras e da imaginação das crianças tem sido ameaçado, a cada dia, pela Indústria Cultural. A criatividade de elaborar as suas próprias brincadeiras vem se perdendo ao longo do tempo.

Pressupõe-se que a criança necessite de cuidados especiais desde a infância isso é primordial é começo da vida. Vejo como fundamental dar-lhes uma atenção especial.

A finalidade deste trabalho é contribuir para que os educadores percebam a importância de se atualizarem e se aperfeiçoarem para que sejam capazes de fazer intervenções e refletirem sobre os conteúdos emitidos pelos meios de comunicação. O aluno quando vai à escola, traz consigo mensagens adquiridas por várias horas diante da TV. É essencial que haja, entre educadores e alunos, discussões sobre esses programas, para que eles sejam críticos, conscientes e aptos a optar pelos programas de televisão.

JUSTIFICATIVA

O interesse por este tema foi em razão de que praticamente não existem estudos publicados no Brasil, sobre a relação entre o desenho animado e a escola. Ao pesquisar sobre o assunto tomei por base o livro da FUSARI(1985) que aborda o tema “O Educador e o Desenho Animado que a Criança Vê na Televisão”. Percebi que essa pesquisa não trata propriamente da relação entre o desenho animado e a escola, já que os adultos entrevistados não são professores.

Por isso fiz questão de ir a campo e investigar como funciona esse assunto. As pessoas escolhidas para fazer parte da pesquisa foram: alunos, professoras, coordenadora/supervisora que estivessem realmente envolvidos com a escola.

Ao chegar à escola para fazer a entrevista com os alunos, percebi que os alunos estão inseridos nesse universo do desenho animado infantil. Em virtude do resultado, e das escolhas de poucos alunos, foi acrescentada na pesquisa uma série de pré-adolescentes.

Saliento que esse trabalho também teve como base de investigação os seguintes temas: infância, infância na escola, brinquedo, cinema, livro didático e tirinhas de gibis. esses assuntos podem ser aprofundados em diferentes livros didáticos. Considerando-se que foram abordados de modo superficial, para reflexão.

Não tenho a pretensão de esgotar as reflexões dos temas propostos, por ser um assunto amplo que pode ser investigado para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Conforme COELHO (2007) as teorias de McLUHAN são fundamentadas na concepção: “o meio é a mensagem”. Ele apresenta posição contrária aos que se preocupam com o conteúdo das mensagens produzidas pela indústria cultural. Para o autor essa inquietude com o conteúdo é um vestígio de cultura letrada impossibilitada em adequar-se às novas situações ou novas exigências.

Portanto se ficarmos questionando o teor de certo livro, o que certo pintor quis dizer em sua tela, se nos deixarmos levar por essa obsessão com os conteúdos veiculados pelos meios da indústria cultural, deixaremos de perceber que “o fator principal são os meios considerados em si mesmos, independentemente de qualquer conteúdo”.

McLUHAN menciona que os meios de comunicação não são apenas os tradicionais, como rádio, televisão e jornal entre outros. Afirma que a mensagem transmitida ao público vai além do que pensamos, pois em qualquer área da sociedade encontramos imensuráveis mensagens transmitidas até mesmo por meio de uma roupa, de um carro, da expressão corporal, da casa, do dinheiro, entre outros, pois faz parte da vida humana. A “mensagem” do trem, por exemplo, não é

simplesmente um meio de transporte mais rápido. Existem outras mensagens: proporcionar bem estar para a cidade e ampliar a forma de trabalho e de lazer.

O autor assegura que os meios de comunicação se dividem em: meios frios e meios quentes. Considera meio frio, o telefone em razão de sua voz poder soar de forma apagada, distorcida ou calma, mas em relação ao rádio diz ser um meio quente em virtude do seu sinal sonoro, os sons são claros e reais. O cinema é considerado também um meio quente por ter a imagem nítida e perfeita, porém a TV é um meio frio, por sua imagem estar sujeita a sofrer mudanças durante a transmissão.

Os efeitos dos meios quentes proporcionam uma baixa participação do espectador. Mesmo sendo de alta definição, fornecem informações ao receptor, sem exigir deste, raciocínio sobre o que está sendo comunicado. Mas já o meio frio de baixa definição promove dados de forma incompleta, solicitando um esforço bem maior por parte do receptor por ter que reconstituir a mensagem transmitida.

Na visão de McLUHAN, a televisão antigamente podia ser demarcada como baixa definição, em razão da falta de qualidade tecnológica. Na visão de COELHO (2007), atualmente, com o avanço tecnológico, a questão da transmissão tem se superado o meio frio e o meio quente, cada vez mais, posto que eliminou totalmente os “fantasmas” e os “chuviscos”. Esse benefício deu-se em virtude das antenas parabólicas e da propagação da TV a cabo. A qualidade da imagem da televisão não é inferior á do cinema, assim ela não pode ser definida como “alta” nem tampouco como “baixa”.

Portanto, uma parte da argumentação de McLUHAN, de que a televisão é considerada como baixa definição é refutada por COELHO (2007). Entretanto, o que fica protegido são as suas ideias de que o meio tem sua própria mensagem, independentemente do conteúdo.

Por sua vez, esse mundo transformado pela aldeia global, que hoje faz parte do cotidiano dos seres humanos, tem recebido informações que podem levar o mundo a adotar os mesmos valores, a mesma ideologia, graças às “multinacionais da cultura”, que tendem a expandir por todo canto da Terra, principalmente, pelo acesso à TV que vem a cada dia facilitar e inculcar nas pessoas uma ordem de pensamento, um mesmo comportamento. Isso ocasiona certo domínio sobre o público e, além de conquistar e adquirir um espaço na vida humana consegue fazer parte dos grandes centros de decisão de um país.

Nesse avanço tecnológico acumulamos novas “aparelhagens” em nossas vidas. Já estão inseridos na sociedade: celular, internet, secretária eletrônica, entre outros. Parece que, de alguma maneira, estamos atraídos, como disse McLUHAN, “entorpecidos” por alguma forma de comunicação avançada.

Portanto, o impacto causado aos telespectadores através da televisão, mediante a abordagem de uma notícia, é completamente diferente do impacto causado pela leitura de um jornal, pois

naquela temos a imagem real, bem nítida, e nesse é necessário um esforço de raciocínio. Por exemplo: ler no jornal que “foram fuzilados quinze revolucionários” é bem diferente do que ver na tela pessoas sendo executadas por tiros de balas. Esse tipo de noticiário deveria ser evitado, principalmente, para as crianças. Para McLUHAN, esse tipo de reportagem acaba causando desinteresse no espectador-padrão, não irá estimular o seu envolvimento.

Porém, a mudança inserida através da televisão, não se dá somente em nível nacional, mas mundial. A TV tenta colocar os seres humanos em um mesmo patamar. Por mais que as pessoas sejam heterogêneas (tenham sua individualidade) acabam sofrendo certa influência e até pressão com relação ao “marketing” lançado ao público. Verifica-se que há certa unanimidade com relação ao consumo de produtos entre quase todas as nações, em face da globalização. Marx já havia previsto a ampliação dos avanços tecnológicos; as culturas nacionais se tornariam cada vez mais algo em comum, conseqüentemente ocasionaria a unificação de uma cultural universal.

1.2 INFÂNCIA

Para KOHAN (2010), a infância é a primeira etapa da vida, período em que tudo passa a adquirir significado e sentido em suas vidas e é projetado com o passar do tempo. Em todas as fases da vida do ser humano ocorrem mudanças. Tem ocorrido, entre as sociedades, definir e limitar os períodos que marcam as etapas da vida humana. Importante destacar as implicações (de todo tipo) que podem acontecer na infância, principalmente na área social, política e cultural.

São pessoas descarregadas de deveres e carregadas de direitos, às quais em nenhum caso se as deixam participar ativamente na sociedade, a não ser como consumidor de bens, contribuição econômica (...) (KOHAN, 2010, p. 150).

Segundo ERAUSQUIN (1983, p.85), “já se chegou a afirmar-se que a infância é uma invenção de Rousseau”, ou seja, uma criação da sociedade burguesa; os produtos culturais específicos para as crianças eram também invenções dessa classe. Antes não existiam produtos exclusivos para as mesmas. Para ARIES (2006, p.51), a ideia de infância foi uma transformação social e histórica, começou a surgir no final do século XII e no início do século XIII.

Para ERAUSQUIN (1983) ao utilizar esse conceito da cultura infantil tem que se levar em conta, do ponto de vista antropológico, o conjunto de usos e costumes das crianças em uma sociedade, em época histórica definida. Para tanto, pode-se considerar que houve uma cultura mais independente do mercado, antes da era capitalista. No segundo momento, cultura infantil é algo que não tem como separar: os produtos culturais destinados ao público infantil, quando se lançam no

mercado, particularmente a figura dos heróis, o herói favorito da criança, acabam se tornando um monte de mercadorias. Hoje não é possível que os produtos, as figuras que são de usos e costumes comuns não tenham se convertido em mercadorias, ou em produtos culturais, para o consumo, pelo fato de serem criados sistematicamente e em grande quantidade. Produtos culturais exclusivamente destinados ao consumidor infantil; é isso a marca do mundo moderno, o que constitui uma novidade histórica (ERAUSQUIN, 1983, p.85).

A concepção de infância construída ao longo do tempo e em diferentes contextos históricos tem caracterizado e individualizado a criança como um ser incompleto em relação ao adulto, que também está no processo de desenvolvimento. A criança é um ser inacabado, é fundamental que a criança seja educada em padrões de ensino-aprendizagem, para tornar-se um ser crítico, principalmente em relação aos desenhos animados que assiste.

Vale ressaltar a importância da escola e da família trabalharem juntas em prol da criança, construir uma verdadeira parceria. Desde a infância, devemos ter um cuidado especial com os alunos, orientando-os a serem pessoas que lutem pelo seu espaço, tenham senso crítico e não sejam manipulados pela mídia.

1.3 INFÂNCIA NA ESCOLA

Para KOHAN (2004) é essencial o olhar atento na educação durante a infância porque as crianças serão os adultos do amanhã e, portanto, os artífices das futuras sociedades. Assim, educar a partir da infância é o caminho mais seguro e capaz de inserir mudanças e transformações sociais em suas vidas.

A tarefa de educar deve começar ainda cedo, porque o princípio de toda boa obra é instruir com sabedoria, prudência, o quanto antes, pois o que for ensinado irá determinar o caminho que o aluno poderá seguir, além, de dar oportunidade de escolhas mais sensatas. É uma tarefa árdua, mas compensadora.

É bem atual o seguinte provérbio bíblico:

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele (Provérbios, cap. 22, versículo 6).

A escola tem um papel essencial como mediador educacional, sendo predominante nos traços consecutivos. Ela tem o poder de fazer intervenções na vida do estudante. É especialmente necessária, porque a criança ainda está em fase de formação. Assim, a educação terá marca

normativa, estética, ética e política na vida do aluno. Os pedagogos têm um papel principal na educação. “A educação é o instrumento para realizar tais sonhos” (KOHAN, 2004, p. 53).

Para esse autor, no campo educacional, há um discurso pedagógico de pessoas cheias de ideias bem-intencionadas, que buscam formar as crianças como cidadãos de bem, que possam viver num mundo melhor. Talvez precisassem pensar na educação de outra maneira, e, conseqüentemente, deixar de preocupar em converter totalmente os alunos em algo diferente do que são. Deve haver mudanças, mas que essas respeitem a individualidade das pessoas.

Seria importante a escola dar atenção as suas necessidades e possibilitar às crianças, como também aos adultos, docentes, gestores, orientadores, diretores, abertura entre o novo e velho, fazer o elo entre a criança e o adulto. O propósito é que os educadores não modelam, modifiquem, massifiquem os alunos, mas que possam romper com algumas práticas pedagógicas e propicia novos caminhos.

Desta forma é preciso dar abertura para novas metodologias, outras políticas atuantes na infância, sem deixar de atentar para o respeito ao ser humano, quanto aos seus limites. Que a Escola não venha buscar o aluno ideal ou modelo. Que ele tenha um espaço para construir o seu aprendizado.

A educação deve ser pensada e repensada constantemente. Cabe aos profissionais da educação exercer o papel primordial na vida da criança. Que na educação infantil haja orientação no sentido de fazer com que os telespectadores sejam críticos, que saibam escolher os programas; ter senso crítico para estabelecer juízos de valor. Que esse esforço leve também à reflexão sobre os desenhos animados que assistem para não serem iludidos por qualquer coisa. Ressalto que este ensinamento não cabe somente à escola, mas tem também de contar com o interesse de todos os envolvidos com a criança, direta ou indiretamente, a começar da família.

Complementando

Para isto é preciso que a escola aprenda também, na modernidade, como ensinar a aprender a ser um “telecomunicando” informado, educado, crítico, neste tempo e neste lugar, a serviço de todos, sem discriminação de pessoas (FUSARI, 1985, p. 152).

1.4 BRINQUEDO

Para BENJAMIN (2002, p. 90) no princípio os brinquedos não foram criados por fabricante especializados, mas surgiram peculiarmente nas oficinas de entalhadores em madeira, de fundidores

de estanho, entre outros. Portanto, no início, a venda de brinquedos não era movida por direito exclusivos dos comerciantes, por interesses meramente econômicos, conforme ilustrado na citação abaixo:

Assim como se podiam encontrar animais talhados em madeira com o marceneiro, assim também soldadinhos de chumbo com o caldeireiro, figuras de doce com o confeitiro, bonecas de cera com o fabricante de velas (BENJAMIN, 2002, p. 90).

Com o passar do tempo, especialmente a partir da expansão das indústrias domésticas da região, a produção de brinquedos foi perdendo alguns traços de personalização típicos de sua origem. O brinquedo passou a ser comercializado para fins lucrativos, perdendo completamente os propósitos e seus objetivos iniciais. Na fase industrial, a produção tomou uma proporção bem maior, foi conquistando o seu espaço no mercado e desta forma fragmentando o trabalho para que produto final se tornasse mais caro.

O brincar proporciona à criança um mundo imaginário, o faz-de-conta. Nele a criança passa a construir e reconstruir simbolicamente pequenos objetos. A criança quer simplesmente que um cabo de vassoura se torne um cavalo; brincar de casinha; de papai e mamãe; brincar de bandido ou policial, ou seja, imitar os adultos. O mundo da criança é um mundo de fantasia, completamente diferente do adulto; o aluno enxerga a brincadeira de outra maneira da visão dos adultos. Como Gulliver, “a criança viaja por países e povos de seus selos” (BENJAMIN, 2002, p. 109).

Esse mundo infantil tem sido ameaçado, a cada dia, pela indústria cultural. A criatividade de elaborar as suas próprias brincadeiras vem se perdendo ao longo do tempo. A criança que brinca espontaneamente é uma autêntica investigadora e se entrega totalmente à inocência das brincadeiras; adquire sua própria consciência do mundo.

Com eloquência, explanou BENJAMIN:

Conhecemos muito bem alguns instrumentos de brincar arcaicos, que desprezam toda máscara imaginária (possivelmente vinculados na época a rituais): bola, arco, roda de penas, pipa – autênticos brinquedos, “tanto mais autêntico quanto menos o parecem ao adulto”. Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva (2002, p. 93).

O brincar nesses dias modernos tem sido ameaçado pelo acesso a TV a cabo, tecnologia que hoje tem sido cada vez mais acessível. O aluno enfrenta um grande desafio ao se render diante da telinha. O incentivo que elas recebem através dos aparelhos virtuais as tem deixado fascinado: “que

acontecerá com estas crianças que organizam sua concepção do mundo não a partir de suas próprias experiências de brincar, mas sim, através da mediação simbólica do televisor?” (ERAUSQUIM, 1983, p. 101).

As famílias se sentem gratas pelos momentos de lazer e descanso que a televisão proporciona quando os filhos estão sendo entretidos pelos desenhos animados. Elas recorrem ao televisor por falta de espaço físico apropriado para seus filhos se divertirem, como uma solução mais prática no momento. Não se preocupam em dar à criança outro ambiente de brincadeiras.

O brincar é uma ferramenta essencial para o seu desenvolvimento intelectual, emocional, cognitivo e comunicativo, na interação com outro, nas relações sociais e psicomotoras. Através do brincar e das atividades elaboradas, as suas necessidades são preenchidas. “No brincar a criança começa com uma situação imaginária que, inicialmente, é tão próxima da situação real” (VIGOTSKI, 1998, p. 135).

Há grandes vantagens na brincadeira. Além do progresso e desenvolvimento em todas as áreas, a criança expressa seus conflitos, libera muitas tensões, relata as suas preocupações e mostra o seu mundo. Por exemplo: a criança que ao passar por uma experiência desagradável de tomar injeção e depois brinca de aplicar a injeção em seus os bonecos, ameniza e supera dramas e dificuldades vividos anteriormente (PANIAGUA, 2007, P. 77).

Afirma BENJAMIN, (2002, P. 85)

Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeados por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada.

Há uma grande responsabilidade no ambiente escolar, fomentar entre os alunos o desejo de brincar, incentivando-os a utilizarem o mundo do faz-de-conta e valorizar a brincadeira. Segundo VIGOTSKI, (1998, p. 122), a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos são satisfeitos; não podem ser realizados no mundo real, mas no mundo ao qual chamamos de brincar, realizam-se com plenitude.

“A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito” (BENJAMIN, 202, p. 102).

1.5 REVISTA EM QUADRINHOS (GIBI)

“Bem, é que no nosso país”, disse Alice, ainda um pouco ofegante, “o mais certo seria chegar a outro lugar – depois de correr tanto como nós fizemos”. “Um país muito lento” retorquiu a Rainha. “Não, aqui, como vês, é preciso correr o mais que se pode para ficar no mesmo lugar. Se quiseres ir para outro lugar tens que correr, pelo menos, duas vezes mais depressa!” (Lewis Carroll, *Alice do outro lado do espelho*, apud, MARTINS, 1980, p. 3).

Tio Patinhas surgiu no universo das histórias em quadrinhos, nos gibis, escritos e desenhados pelo cartunista Carl Barks. A análise desse universo de Patinhas mostra, de maneira descontraída, a ideologia que existe na classe dominante sobre o capitalismo e a exploração do trabalho que existe na sociedade.

MARTINS (1980) busca desvendar a história de cada habitante da cidade de Patópolis, figuras criadas pela empresa de Walt Disney. Procura fazer uma descrição detalhada nas ligações sociais que vinculam os vários personagens e mostrar, a partir do seu conteúdo, como se dá a hierarquia entre os patopolitanos, por meio de uma escala implícita de valores alicerçada na figura do capitalista clássico.

Esse autor descreve a extraordinária família de patos trajados como gente, aparentemente interessante, instrutiva e atrativa aos nossos olhos, apresentada nas folhas de papel coloridas, mas que para a nossa mente, talvez não seja tão instrutiva assim. Pode ser um caminho sem regresso, caso não seja avaliada a mensagem transmitida. O modo de ser dessa família impõe a existência autoritária dos personagens; é essa a circunstância da ditadura dos quadrinhos.

Ao ponderar que a crítica democratiza a educação, verifico que nesse pequeno universo de ficção não é apenas cada personagem uma coisa admirada, mas o próprio aluno é “coisa”, um depósito inerte, que atua sem refletir sobre sociedade centrada nessa família; transformam-se os alunos em hospedeiro e objeto de coisa passiva.

Essa releitura seria impossível sem a averiguação prévia de cada personagem. Nessa escala de valores divulgada no gibi que tem a intenção de ser educativa, por um meio que determina o gosto do aluno, ao contrário do que parece, procura-se inculcar valores positivos e negativos, que é, antes de tudo, uma mercadoria que se vende e que se compra.

Por isso, conseqüentemente, essa leitura sociológica das historietas, por sua vez, não está vinculada com os personagens, mas está ligada com a empresa que produz e vende a história e com o consumidor que a compra. A historieta organiza o universo simbólico que sustenta e explica a relação entre o produtor, vendedor e o comprador.

O Tio Patinhas, além de ser extravagantemente rico, tem parentes, amigos e inimigos. Cada um apresenta suas particularidades. Patinhas é o único personagem que serve de referência na definição e constituição de todos os outros. Donald, seu sobrinho, que está sempre presente na vida do tio, vem primeiro na lista dos herdeiros da fortuna de Patinhas. Assim seu sobrinho encontra-se atormentado, aflito, e em constante oscilação entre o emprego e desemprego, pela perseguição do tio rico.

E quando consegue estar empregado por Patinhas, vive revoltado, sofre frequentemente humilhações, desde o salário miserável a outros constrangimentos. Tem que aguentar suas astúcias e sua habilidade são exploradas no emprego. Tenta manter-se esperto, como bom empreendedor, para satisfazer as expectativas do patrão. A sua humilhação é maior pelo desvario de o seu tio querer amontoar dinheiro e transformá-lo em peça de um sistema para gerar cada vez mais fortuna.

Ele percebe que o caráter do tio é fraudulento, mas se conforma para não ser deserdado, é rejeitado apesar da riqueza que ajuda a acumular, tem a esperança de usufruir dos benefícios, que lhe são vedados. Na sua condição de herdeiro não se sente explorado, porque alimenta a esperança de ser futuramente beneficiado.

Essa família de patos não consegue ter harmonia familiar em virtude dos interesses pessoais. Cada um disputa para ter cada vez mais dinheiro e quando estão juntos querem ser o centro do universo. A união da família não é possível, pois o Patinhas quer ser sempre o centro de tudo.

Nesses desencontros familiares Patinhas só consegue ser “normal” e ter paz, quando está reunido na fazenda da Vovó Donaldda. Ela controla tudo na fazenda, o reinado é dela. Patinhas não é, nesse momento, o rei. É ela quem reina; explora os netos nos trabalhos da fazenda dando descanso ao empregado Gansolino. Ela está sempre disponível a todos, inclusive para fazer suas tortas.

Essa terrível estrutura familiar é assim: Donaldda é avó sem ter neto, Patinhas é tio sem ter irmãos; é assim também com Donald. Os três sobrinhos nunca conheceram os pais. Dá-se pela tragédia de serem estéreis biológicos. Os vínculos familiares deles não são por laços sanguíneos e nem afetivo, mas sim por dinheiro e pela herança. E por está razão continuam juntos por interesses pessoais.

Donald encontra-se em um drama familiar é pai sem ter tido filhos, Huguinho, Zezinho e Luizinho, os três sobrinhos, representam para ele a responsabilidade paterna desagradável e um pesadelo igualmente; ser marido sem ter mulher.

Assim, pois segue com sua vida de fracasso familiar e profissional. Percebe-se que ele não contribui para a educação dos meninos. A sua namorada, Margarida, o submete a um regime rigoroso de exploração doméstica. Ela o usa como eterno carregador de pacotes e transforma-o em um serviçal.

Após um dia de trabalho árduo e atribulado do namorado ela não oferece suas penas serena e ardentemente para que ele encoste a cabeça e se conforte. Nesse relacionamento não se ouve uma palavra de amor, de ternura desinteressada. A sua intimidade sexual é assexuada e utilitária. Portanto não se acasalam e nem procriam. Margarida é uma fêmea leviana à espera da dádiva, da entrega incondicional do material dos patos.

Margarida não tem sua vida profissional estabelecida, não trabalha e uma parte do seu tempo dedica-se a cuidar de suas sobrinhas, (Lalá, Lelé e Lili). Brevemente os sobrinhos de Donald as transformarão em novas Margaridas. Grande parte do tempo Margarida acompanha sua amiga galinha, Clara, nas festinhas da sociedade e nas compras, assumindo sua condição de consumidora.

Não se sabe até que ponto, Donald é fundamental para ela, apenas enquanto satisfizer aos seus caprichos e servi-la. Ele continua a dominá-la e não aceita que ela seja cortejada por outros patos. Assim o seu rival, seu primo Gastão, o pato que tem a sua vida acomodada, parece ter mais “coisas” em comum com ela, ele se empenha em conquistá-la, tenta atender e satisfazer aos seus apelos de consumo. Donald já não consegue fazer a vontade dela, vive em uma constante disputa para preservar o que ele considera mais precioso, dinheiro e companhia feminina. “Ela não perde ficando com Donald ou Gastão, continuara sendo a herdeira virtual da fortuna de Patinhas”.

Portanto, a persistência de Donald em vencer e querer mostrar para o patrão Patinhas, que é inteligente capaz de cumprir as tarefas e atender a todas as expectativas do tio (que é intransigente), acaba se sujeitando a todas as exigências. Dessa forma não reconhece suas limitações e nem aceita a intromissão dos sobrinhos. Na maioria das vezes quando eles conseguem interferir numa transação da empresa e obtém êxito, Donald é que fica com todo crédito.

Embora os três correspondam melhor às expectativas de Patinhas do que Donald, eles (os meninos) não repetem as atitudes do tio, nem as estratégias e os propósitos para conquistar os seus objetivos e nem utilizam de artimanhas por ele ser idoso. Os sobrinhos são de uma “geração de tecnocratas, os quais não veem a importância de executar um projeto de vida para enriquecer á partir do trabalho, pela sorte e pela sagacidade”. Os pensamentos dos meninos são fragmentados, as ideias se complementam, enquanto a de Donald é completa e influenciada, ou seja, pré-fabricada e

retrógrada. Como no sistema capitalista no qual as atividades são efetuadas por partes, tal como a manufaturada produção em sucessão.

Para toda circunstância, Donald tem um manual de instrução, ou seja, como diz o autor, “Manual do Escoteiro”, respostas para todas as situações, não há inovações das ideias. No decorrer dos problemas não busca uma reflexão para encontrar uma solução mais viável, o que existe é uma refutação pronta com presteza, como se viesse de um computador.

Fica visível para os meninos que as ações criadas pelo universo de Patinhas não podem ser sempre refeitas; não nasceram para produzir esse universo, mas para reproduzi-lo. Donald se sente oprimido e desamparado por ter que caminhar nessa jornada sem esteio. É obrigado a repetir os atos do criador. Por isso torna-se improdutivo no emprego e acaba descarregando toda a sua agressividade em Margarida e nos sobrinhos.

O seu oponente, Gastão, é dotado de um dom: ele está destinado a enriquecer, desde que esteja sempre com seu inevitável pé-de-coelho. Para ele, tudo se decide graças à influência desse talismã, que é a base essencial para legitimar a forma de ganhar o dinheiro e até a herança de Patinhas. O talismã representa uma peça fundamental para sua riqueza. Patinhas também tem o seu: é a moedinha nº 1. A presença desse elemento mágico no universo de Patinhas é que determina o privilégio de enriquecer.

Já que todos os seres habitantes desse universo trabalham, mas a renda não é igualmente distribuída, como justificar que uns tenham abundância de bens e outros não? A questão é que nem todos têm esse diferencial, o componente mágico. Acredita-se que uns nasceram predestinados e escolhidos para multiplicar, outros são dotados de talento, nesse caso a moeda é um dom. Com isso, Patinhas e Gastão, creem que a fonte de suas riquezas se dá pelo uso do talismã e não pelo fruto de seu trabalho. Portanto não se sentem donos de si mesmos, mas são dominados pelo objeto mágico.

Por sua vez, Pato Donald poderia enfrentar o seu tio usando, em benefício próprio, a profecia de que no fim dos tempos os filhos lutariam contra os pais, irmãos contra irmãos. Ele somente contesta e deseja que o talismã seja destruído. Só não age porque o “Manual Democratiza” afirma que este elemento mágico traz a pacificação, conformismo nesse universo. Detalhe a ser observado é que não é o pato que escolhe o talismã, mas o talismã que escolhe o pato.

Também neste universo aparece a figura de seu primo Peninha. Este é completamente diferente de Donald. É um pato que gosta de inventar e é levado a agir espontaneamente. Apesar de sua obediência ao patrão, sua entrega ao trabalho e sua busca constante pela renovação da empresa, suas ideias acabam em desastres catastróficos. Não consegue perceber que suas intenções não

chegam a ter o resultado esperado. Sua função é apenas acatar as normas do dono. Apesar disso, não alimenta a derrota e a impossibilidade de cumprir as regras.

Peninha e Patinhas são paradoxais, pois um é criatura e outro é o criador, senhor das ações e administra com êxito, com poder e autoridade. Na verdade, Patinhas não é senhor do dinheiro, mas é escravo deste; não é ele que domina o dinheiro, mas é o dinheiro que necessita do seu cérebro, da sua força física e dos seus sentidos, para poder executar com naturalidade o seu percurso que é produzir.

Por isso, Tio Patinhas é um homem torturado pela estabilidade financeira. Peninha faz uma campanha “política” para mudar a imagem de Patinhas, mas os atos de Peninha não são concretizados, ele quer criar soluções e Patinhas que criar cada vez mais dinheiro.

A moeda nº 1 de Patinhas, é cobiçada por todos, inclusive pela Maga Patalójika auxiliada por Madame Min, está obcecada em capturar o talismã de Patinhas e de qualquer forma possuir a sua fortuna. Ela acredita que o elemento mágico irá torná-la rica, já que ela tem poderes excepcionais para fazer e desfazer, só não tem poder para criar e recriar o capital. Além disso, há dois elementos que fazem parte da mentalidade burguesa de Patinhas; o trabalho e a iniciativa, que também não podem ser trocados por bruxarias. Só há uma coisa em comum entre os dois, é a confiança plena e fiel no talismã. Ambos representam os riscos imponderáveis do capitalismo; a sorte de um e a tragédia do outro.

Enquanto Maga deseja tomar posse do que ela imagina ser a origem de todos os bens, os irmãos Metralha querem usurpar a fortuna já acumulada. No universo de Patinhas, o comportamento deles representa a falta de obediência às leis e às regras, admitem trapacear o sistema, mas não concordam com os meios legais para obtê-los.

Tanto um quanto o outro estão sedentos por riqueza, a diferença é que Patinhas tomou posse primeiro dessa riqueza e por isso tornou-se superior. A vida livre dos Metralhas tem dias contados, pois há momentos que estão fora da cadeia e em outros estão presos. Eles organizam planos para alcançar o dinheiro, chegam a fazer estratégias profissionais. “Estão certos de que a melhor coisa do capitalismo é ser capitalista” (MARTINS, 1977, p. 15).

O professor Pardal, não poderia fazer parte do universo de Patinhas por ser tachado de louco, desajeitado, sonhador, ingênuo, perigoso e alienado. Por causa desse estereótipo, adquiriu da sociedade somente a tolerância e a piedade que a “nossa hipocrisia burguesa” dedica aos alienados intelectuais. Apesar de ser cientista e inventor não é louco e sim muito inteligente e dedica-se

incansavelmente às suas pesquisas. Nessa busca constante em resolver os problemas da cidade de Patópolis, acaba se isolando do mundo.

As invenções do cientista Pardal são para atender as necessidades cotidianas da população, mas Patinhas só está interessado em mercadorias que sejam vendidas e gerem capital. Assim, quando os delírios do patrão são atendidos, Pardal é reconhecido e deixa de ser alienado e louco.

O enredo das historinhas retrata o “Sistema Capitalista – Tio Patinhas no Centro do Universo”. As personagens dessa cidade são fictícias, representadas por uma família de patos. É uma das histórias mais conhecidas entre os quadrinhos, que se misturam com a realidade da sociedade. No campo educacional, o universo de Patinhas é educativo; quando tomamos consciência de que tais atitudes acontecem na vida real; quando percebemos que nesse mundo as pessoas são competitivas, egoístas, cada uma querendo ser superior às outras. A escola muitas vezes se omite ou reforça esses comportamentos que poderiam ser mudados.

Assim sintetiza MARTINS, (1977. p. 17)

De fato, o universo de Patinhas é educativo se tomamos a educação como veículo impositivo de valores. Diante dele as crianças e os adultos podem descobrir como são estúpidos, como são ridículos e alienados quando toleram que na personalidade se manifestem grotescos traços humanos.

1.6 LIVRO DIDÁTICO

A pesquisa da NOSELLA (1979) surgiu a partir das observações sistemáticas de textos de literatura em alguns livros didáticos, indicados pelo Ministério da Educação para serem adotados nas quatro primeiras séries do 1º Grau, que hoje é Ensino Fundamental. O recolhimento de dados foi na área da Comunicação e Expressão – disciplina de Português, ano de 1977, na Rede Oficial de Ensino Estadual do Espírito Santo. Essas reflexões trouxeram a confirmação de que o mundo descrito em tais textos não é adequado ao mundo real.

Sentiu-se a necessidade de deixar claro, de forma intransigente e sistemática, a discrepância que existe entre os dois níveis; o imaginário (descritos pelos textos) e o real (vivido pelos alunos). A finalidade desta pesquisa foi mostrar, em primeiro lugar, que na sociedade dividida, essencialmente, em duas classes sociais (a classe dominante a que detém o poder econômico e político, e a classe

dominada a que é explorada) não há cuidado com a grande maioria da população; é uma sociedade marcada por uma estrutura educacional que jamais escolhe o HOMEM como o ser investigador e crítico, no sentido de auxiliá-lo a identificar as contradições socioeconômicas e dando-lhe a possibilidade de vencer essas contradições. “O objetivo central da formação social capitalista será sempre, essencialmente o lucro”.

Em segundo lugar, ela pretende sustentar e colocar em destaque como é utilizada a educação como instrumento por meio do qual se transmite a ideologia da classe dominante, que é internalizada inconscientemente pela classe dominada. As mensagens ideológicas, propagadas por diferentes meios, entre os quais se destacam os livros didáticos, transferem valores que não correspondem às necessidades e aos interesses da classe trabalhadora.

A autora escolheu como objetivo específico de sua pesquisa a ideologia da classe dominante subjacente aos textos de leitura das quatro primeiras séries do 1º Grau. Tais textos aparentemente parecem ser neutros, mas estão totalmente impregnados de conteúdos ideológicos, em seus mínimos detalhes. Num primeiro contato com os textos, tem-se a impressão de que contêm apenas algumas frases isoladas com teor ideológico. Com o olhar mais atento ao conteúdo dos textos literários é possível descobrir a riqueza de detalhes, os meios sofisticados transmissão das mensagens inerentes à ideologia dominante.

Essa questão da transferência do conteúdo ideológico dominante, por meio dos textos, é sério e importante, ainda mais quando se refere aos alunos entre 7 a 10 anos, que são receptores dessas mensagens em fase de formação dos valores básicos, da dimensão psicológica nas áreas cognitivas e afetivas, bem como nas dimensões individual e social, isto é, interindividual.

Os conteúdos veiculados nos livros revelam a ideologia subjacente que constrói uma “visão de mundo” relativamente harmonioso, justo e belo, no nível da ilusão, com objetivo de mascarar um mundo real, paradoxal e injusto. É fundamental para os interesses da classe dominante que seja incutido nas mentes dos alunos essa ideologia, para que se tornem conformistas.

Há mensagens contidas no livro didático completamente fora da realidade da sociedade brasileira. Até nas gravuras, percebe-se o seu conteúdo ideológico, onde não se apresentam os conflitos existentes entre as classes sociais. As figuras não revelam ainda os preconceitos, racismo, discriminação, machismos, autoritarismo, tampouco a desarmonia existente entre o homem e a natureza; não revela os problemas familiares, e tanto outros paradoxos.

Vale destacar este trecho de as Belas Mentiras de NOSELLAS

A classe social dominante, para garantir sua hegemonia na sociedade capitalista utiliza-se dos aparelhos ideológicos do Estado, sendo que o aparelho escolar assume a posição dominante no conjunto destes aparelhos ideológicos, devido à sua eficácia na inculcação da ideologia dominante (1978, P. 29).

Portanto, a finalidade é condicionar os alunos a terem comportamento de passividade e de alienação; manter a ordem, diante uma sociedade de dominação e de exploração; impedir que os alunos cresçam com consciência crítica, perante as desigualdades sociais, levando-os a acreditar que o seu fracasso e seu sucesso só dependem deles mesmos. A escola lamentavelmente só faz reproduzir os interesses dos dominantes, ao invés de ser um lugar de luta pela libertação desse pensamento dominante.

Assim, o que se observa é que os livros pesquisados, por não serem específicos, ou seja, não terem obrigatoriedade de abordar problemas sociais e questões econômicas em seus textos, não adentraram nessa seara. Seria interessante estender essa reflexão aos livros de outras disciplinas como História e Geografia, a fim de investigar se também neles há manipulação quanto aos conteúdos expostos.

1.7 CINEMA

Segundo TEIXEIRA (2006), cinema é feito de imagens em movimento, histórias produzidas por palavras e sons, e outras, só movimentos (filmes mudos). Digamos que cinema é a arte do visível, a qual foi privilegiada com habilidades para narrar, agradeça a contribuição dos movimentos.

O cinema é capaz de levar os seres humanos a determinadas épocas, lugares e situações diversas, através das imagens, dos movimentos e dos sons. Gera sentimentos por meio de situações que fazem parte de nossas vidas, mesmo estando bem distantes. As imagens fornecem informações necessárias para entendermos a realidade que existe.

Conforme BAZIN, “O cinema nos coloca cara a cara com a infância”, não com o período externo, com o tempo medido, com a fase abstrata, mas com o tempo interno. Porém o cinema desenvolve a ideia da imagem-tempo e domina o tempo e, por sua vez, constrói a sua época (apud, TEIXEIRA, 2006, P. 13).

Conforme MAIA (2008, p. 69) desde as primeiras imagens pictóricas o homem tem buscado apreender as imagens obtidas da realidade. Ao longo da história teve seu desenvolvimento com este método visível de aprendizagem. Anterior à invenção da fotografia, a perspectiva central já tentava demonstrar que ele apreendia o real.

Após a guerra de 1940, surgiram cada vez mais os comerciais, e o desenho animado começou a apresentar uma mudança em seu estilo. Transpôs o estilo detalhista, preciso, para um estilo mais livre, menos rigoroso. Os artistas e produtores desses desenhos animados passaram a apresentar novos estilos, mais contemporâneos.

A partir de 1950, a publicidade comercial teve um crescimento veloz na técnica do cinema de desenho animado, para atender a um público exigente quanto ao consumo comercial e industrial, sobretudo na televisão.

Assim como o cinema, o desenho animado também está ligado a uma técnica de expressão de imagem e, exclusivamente, aos seus movimentos e ao registro do som de diálogos, músicas e efeitos sonoros.

Segundo HALAS e MANVEL, (1979, p.34), são fundamentais as três leis dos movimentos enunciadas por Newton para o cinema de animação, são elas:

Um corpo em repouso tende a permanecer em repouso. Da mesma forma, um corpo em movimento tende a permanecer em movimento.

O estado de repouso ou de movimento de um corpo só pode ser alterado pela ação de uma força externa. O corpo move-se em linha reta, seguindo a direção da força aplicada, até que outra força atue para mudar a sua direção.

Toda ação causa uma reação igual e oposta (apud, FUSARI, 1985, P. 33).

Portanto, os desenhos animados expressam, na sua maioria, os movimentos das coisas, seres, ações, de uma maneira exagerada e caricaturada. Contudo, quando se refere aos desenhos humorísticos, o animador de desenhos deve capacitar o cartunista para criar suas personagens em movimento, dando agilidade de expressão dramática e rítmica numa impecável sincronização de imagens móveis e sons.

Para uma Educação da Sensibilidade do Olhar, deve a escola ensinar os alunos a ter um olhar crítico, posicionando-se não como consumidores de imagens técnicas, mas como telespectadores críticos, que questionam e são capazes de gerar mudanças na indústria da imagem técnica, visto que o desenho animado pode ser considerado como indústria cultura; seus produtos influenciam e podem transformar os alunos em consumidores de imagens.

Baseando-se em MAIA (2008, p. 119), a escola torna-se essencial quando ela permite o acesso à informação cultural adquirida pelos alunos, proporcionando-lhes recursos e meios de vivenciar momentos de experiência cinematográfica. Desse modo, os alunos podem ter uma participação crítica em relação aos desenhos animados que assistem. Assim, a escola pode oferecer uma releitura do mundo e de si mesmo.

Finalizo, com a seguinte citação:

O que se apresenta assim, é a oportunidade de reflexão acerca das mudanças operacionalizadas pela exploração da Arte no contexto educacional no mundo em transição, mas ainda fortemente marcada pelos parâmetros da modernidade e pela produção da imagem técnica (MAIA, 2008, p. 123).

1.8 TELEVISÃO

O livro “O Educador e o Desenho Animado que a Criança vê na Televisão”, da autora FUSARI. A investigação consistiu em um estudo das práticas de recepção desenvolvidas por telespectadores em geral e, mais especificamente, por crianças diante da televisão. Analisou uma Escola Municipal de Educação Infantil em São Paulo. Nesse contexto, foram entrevistadas 89 crianças, entre 3 a 7 anos, distribuídas entre 1º, 2º e 3º anos, de acordo com a faixa etária, somadas também aos professores e outros profissionais de outras áreas.

As crianças foram entrevistadas com propósito de saber o que assistem e qual seu desenho preferido. O instrumento utilizado na pesquisa foi o gravador. O desenho preferido delas foi “O Pica-Pau”. Após esse resultado, 13 episódios foram transmitidos aos adultos para que emitissem seus pareceres.

O trabalho da FUSARI descreve uma das práticas de recepção a uma “mídia” (meios de comunicação), que é desenvolvida pelos telespectadores em geral, mais especificamente pelos grupos infantis, que tem sido um consumidor das mensagens da televisão. Também analisa o desenho animado oferecido às crianças pelas emissoras e suas preferências.

Na sociedade do século XXI, os seres humanos de todas as idades, famílias, grupos sociais e profissionais, recebem uma gama de informações como: conhecimentos, cultura e entretenimentos, que chegam a suas casas com uma velocidade enorme e a um público diversificado, anônimo e, de

um modo disperso através dos meios de comunicação de massa, sendo as crianças expostas ao domínio da televisão.

As pessoas têm absorvido os conteúdos sem conhecer as suas origens. As mensagens que são criadas e transmitidas aos receptores têm sido recebidas de forma passiva e cativa.

ERAUSQUIN (1983, p. 20) cita que, em 1960, foram lançadas as primeiras publicações que abordaram os efeitos da televisão sobre a delinquência juvenil norte-americana ou do impacto da TV educativa nos Estados Unidos.

Foi feito um estudo nos Estados Unidos por ROBSON, sobre o comportamento comparativo no uso de televisores. A televisão tem tido maior influência na estrutura da vida diária do que todas as demais novidades surgidas no presente século. Talvez por isso, no Estado de Nova York, o televisor está incluído como bem que não pode ser penhorado. (apud ERAUSQUIM, 1983, p. 20.21)

Cabe ressaltar que, atualmente, a internet tem ocupado um lugar primordial na vida dos alunos. Muitos acabam se isolando e não sabem mais brincar ou até mesmo, pode-se afirmar que nunca brincaram com brinquedos tradicionais. Talvez possa trazer conseqüências, tanto para, área da criação e imaginação, como na socialização, além do risco de acessarem sites indevidos.

Estatisticamente, as crianças assistem mais televisão do que os adultos. Alguns dados levantados afirmam que crianças norte-americanas passam entre vinte e seis e cinquenta e quatro horas semanais vendo televisão, com diferenças que variam em relação à idade. O público mais exposto está na idade pré-escolar. Na França, os cálculos arriscam uma média de dezesseis horas semanais para as crianças entre os oito e os catorze anos, sendo os mais assíduos, os menores de oito anos. Na Espanha, registrou-se uma média de vinte horas semanais.

Pode-se afirmar que a televisão é um veículo considerado como fator de socialização. Ela consegue manter os telespectadores assíduos aos seus programas e informa tudo o que acontece no mundo. Portanto, no desenvolvimento da criança, não apenas a família, a escola e os relacionamentos sociais têm uma participação efetiva, mas também a televisão contribui nesse processo, seja positiva ou negativamente.

É imprescindível que haja no âmbito familiar a oportunidade de consolidação de vínculos. Faz um alerta sobre os prejuízos causados pela televisão, dentre eles o enfraquecimento cada vez maior do convívio familiar, impendido que ocorra a socialização e integração entre pais e filhos. É essencial que a família participe e tenha controle efetivo sobre os programas assistidos por seus

filhos. A autora colheu depoimentos de pessoas que, por um tempo, deixaram de ver televisão e de outras que não veem habitualmente. Observou que as famílias que deixaram por longo período tiveram um contato bem maior, passaram a brincar mais com as crianças (WINN, apud, ERAUSQUIN, 1983, p. 22).

Vale destacar a citação abaixo, pois apesar de ser antiga, a conclusão a que se chegou naquela época corrobora a realidade atual.

No Congresso Europeu de Psiquiatria, realizado em Madri em junho de 1979, pelo Professor Duche, apresentava os resultados de um inquérito realizado por ele. Segundo os dados colhidos, a televisão diminui e anula a comunicação na família. Das crianças estudadas, 40% preferiram a televisão a seus pais e 20% preferiram-na a suas mães (ERAUSQUIN, 1983, p. 37).

Há telespectadores que selecionam os programas aos quais assistem, da mesma maneira que escolhem um livro, um filme ou uma peça de teatro; são cautelosos. E há outro público que se deixa persuadir e cai na “armadilha” de alguns programas, adotando os padrões com se fosse verdadeiros. Portanto, faz-se necessário que os telespectadores tenham mais consciência e saibam fazer a escolha correta, que não deixem que a televisão tome o controle de si mesmos e nem ocupe o lugar primordial em suas vidas.

POCHER (1978) enfatiza a forma pela qual os receptores de “massa” recebem as mensagens. Esse processo vincula-se, afirma, à sociedade em que vive à família a qual pertencem e às relações sociais do seu convívio (apud FUSARI, 1985, P. 22).

A televisão é um mercado produtivo, eficiente, competitivo e atraente. Transmitem, todos os dias, ideias que são absorvidas como se fossem vitais, reais. Seu público alvo costuma ser o infantil, pois as ofertas divulgadas fazem com que este, por meio da persuasão, convença seus pais a cederem aos seus desejos. Os meios de comunicação fazem com que essas crianças se tornem, no futuro, consumidores em potencial.

Conforme FUSARI, (1985, p. 150):

Se o consumidor televisivo não aprender a informar-se a respeito da qualidade dos produtos a ele oferecidos, e se não passar pelo ensino de como aprender “telecomunicando”, ou seja, como um provocador e lutador por um espaço de ação como telespectador.

Não se pode negar que a televisão é um instrumento que contribui na formação dos alunos, faz parte do seu cotidiano, mas é também um mecanismo que cria a falsa impressão da realidade.

Pelo seu poder de persuasão ela impõe valores, dita regras e conteúdos ideológicos que moldam a consciência da criança. Os desenhos animados veiculados principalmente para o público infantil misturam-se com a vida real, abordam situações sociais e morais bem complexas, mostrando que a solução é simples de resolver. Por exemplo: no episódio de I Carly “O quarto novo”, no final da série, um dos personagens fala: “cara tem alguma coisa que o dinheiro não compra?”.

Para ERAUSQUIN (1983, p. 87), “de fato, o televisor não é senão um instrumento a mais do processo de alienação da infância que o capitalismo desenvolve”.

As crianças são seduzidas pelos personagens dos desenhos animados, através da alimentação, vestuário e acessórios que são oferecidos como: camisetas, relógios, sapatos, estojos, lápis de cor. Isso faz com que se reproduzam seu herói favorito; a garotada irá imitá-los e desejar obter tais objetos.

No inquérito realizado na França pelo professor Ducher, numa população de 3.500 crianças, à época, faziam-se constar os seguintes dados;

As crianças de dois a cinco anos, são muito sensíveis às mensagens breves e concretas do tipo das que a televisão fornece. Nesta idade, captam especialmente cenas de violência e buscam heróis para imitar (apud ERAUSQUIN, 1983, p. 39).

É essencial que os educadores busquem sempre se atualizar e se capacitar com o intuito de intervir e refletir sobre os conteúdos emitidos pelos meios de comunicação. A criança ao chegar à escola traz uma grande bagagem contendo muitas horas de TV. É importante que essa escola desempenhe seu papel no processo ensino-aprendizagem. É essencial que haja inquietação e conscientização por parte da família, da escola e da criança. Educar telespectadores críticos, conscientes e aptos a fazer uma escolha seletiva dos programas de televisão.

Essa “babá eletrônica” que cuida dessas crianças proporcionando momentos de diversão, humor, pode estar inculcando valores inaceitáveis pelos próprios adultos. Essa é a razão pela qual tanto a família como os professores precisam estar atentos, não podem ser inocentes ao ponto de considerar que qualquer desenho animado na televisão é adequado para as crianças (FUSARI, 1985, p. 133). Verdadeiramente, o “professor eletrônico”; ensina sem punir, sem impor, ensina de forma bem distraída deixando a criança fascinada diante da tela da TV (ERAUSQUIN 1983, p. 126).

Complementando, argumenta FLEMMER (1979):

“Limites da televisão como meio educacional”, relatou a respeito da necessidade de as crianças aprenderem como ver TV e não ficarem “fascinadas” por ela. “A partir da 5ª série primária, essa aprendizagem já é obrigatória na Alemanha, nas escolas (apud, FUSARI, 1985, P. 151).

É importante salientar a pesquisa feita por FUSARI (1985) que menciono a seguir. Essa pesquisa teve o propósito de trazer uma reflexão sobre as respostas desses educadores. Percebo que não houve um amadurecimento nas reflexões nas respostas dos educadores atuais.

Na entrevista feita com alunos e adultos (entre 32 a 56 anos) estes foram divididos em dois grupos: A e B. O desenho animado preferido foi o “Pica-Pau”. Foram escolhidos treze episódios para serem avaliados.

Do Grupo A, três telespectadores-educadores sem experiência profissional na área de comunicação visual.

A1. Professora de religião católica em escola particular do 1º grau, ou seja, ensino fundamental e 2º grau, ou seja, ensino médio, tradutora de inglês, solteira;

A2. Orientador educacional em escola do 1º e 2º graus e professora universitária em curso de Pedagogia, com mestrado, casada e com filho no pré-escolar;

A3. Engenheiro eletricitista, coordenador de projetos e especializado em administração de empresas, casado e com filho no pré-escolar.

Do Grupo B fizeram parte três telespectadores-educadores com experiência profissional na área de comunicação visual:

B1. Arquiteto e professor universitário em curso de Artes Plásticas, com pós-graduação, casado e com filho em idade pré-escolar;

B2. Desenhista industrial e licenciada em Artes Plásticas, casada e com filho em idade pré-escolar;

B3. Professora universitária e de escola de 1º e 2º graus, na área de Artes Plásticas, casada, com filho em idade pré-escolar.

Os episódios que foram assistidos podem ser assim resumidos: **“O trio amoroso”**, a disputa não é ganha, nem pelo Pica-Pau, nem pelo Urubu, pois a garota fica com um terceiro personagem. No **“Vale tudo”**, também, a disputa não é ganha nem por um nem pelo outro, pois a mulher deusa-

sereia os atraiu para serem devorados por um vulcão, com o qual ela ficava fazendo com que voltassem a ser amigos marujos como era antes da disputa pela sereia, porém contra as mulheres. Em **“Um jogador de sorte”**, o Pica-Pau ganha prêmios em dinheiro, aproveitando-se da ignorância do adversário urubu índio; em **“O campeão do estilingue”**, realça o fato de ser mais esperto que as safadezas do adversário jogador de golfe.

No **“O barbeiro de Sevilha”**, o Pica-Pau, ao entrar na barbearia e não encontrar o barbeiro cortou o seu próprio cabelo, fazendo-se passar por barbeiro. Atendeu dois fregueses e divertiu-se agressivamente à custa deles, até mesmo enquanto interpretava o Fígaro de **“O barbeiro de Sevilha”**, terminando por receber um safanão do 2º freguês. Em **“O vendedor insuportável”** o Pica-Pau contou aos dois pequenos Pica-Paus, seus sobrinhos, como domesticou um urso até torná-lo seu tapete, enquanto, com insistência insuportável, oferecia a ele, que iniciava sua hibernação, produtos à venda.

“O fotógrafo chato” desencadeou uma série de ações para afugentar um fotógrafo impertinente e livrar-se deste, que insistia em fotografá-lo. No episódio **“A vassoura da bruxa”**, o Pica-Pau consertou o cabo de vassoura da bruxa, mas como esta o enganou, não pagando o conserto, o Pica-Pau desencadeou uma série de ações contra ela até que recebeu o pagamento, ficando, entretanto, no final com a vassoura para ele.

“Dopey Dick: a baleia rosa”, narra que Pica-Pau foi recrutado pelo marinheiro capitão para uma caça à baleia rosa, Dopey Dick. Entretanto, o Pica-Pau alia-se à baleia, atuando contra o capitão. No evento **“O garimpeiro garimpado”**, Pica-Pau, ao tentar garimpar ouro, é roubado por um bandido do oeste. Desencadeia ações de busca ao bandido até rever o saco que lhe foi roubado, dentro do qual, finalmente, encontra uma coruja. **“É madeira pra burro”** apresenta Pica-Pau desenvolvendo ações contra um lenhador que havia cortado a árvore em que estava sua casa.

“A política do cobertor molhado”, por sua vez, apresentou o Pica-Pau desenvolvendo ações contra o urubu careca, corretor de seguros, que o obrigou a assinar uma apólice de seguro de vida e em seguida passou a persegui-lo para matá-lo e receber os benefícios, tendo o Pica-Pau, no final, conseguido escapar e vencer o corretor que o ludibriou. Em **“Pica-Pau biruta”**, Pica-Pau caiu na conversa de outros bichos da floresta, que diziam que ele estava biruta, fazendo-o procurar o psiquiatra, doutor Raposa, que se mostrou com tantos problemas quanto ele.

Feito esse breve resumo dos episódios voltamos aos grupos selecionados para a pesquisa. Percebe-se que nem todas as pessoas escolhidas pela autora são educadores envolvidos efetivamente com a escola. Também não fica claro se os educadores selecionados fazem parte da

mesma escola dos alunos entrevistados. Entretanto a ênfase dessa pesquisa será somente quanto às respostas dos participantes educadores. O interesse da pesquisa é saber como esses docentes analisaram os desenhos animados preferidos das crianças, qual seja o “Pica-Pau”.

Quanto às questões levantadas pelos telespectador-educadores a respeito de cada desenho animado analisado, arrolou-se o seguinte:

a) Desenhos animados do tipo disputa de prêmios

- **“O trio amoroso”**, (personagem secundário: urubu Zeca)

Telespectador;

A1. problema da competição; desrespeito à mulher e à sua escolha; agressividade;

A2. dificuldade de dialogo e compreensão entre os indivíduos; formas inadequadas de resolução de problemas de relacionamento;

B1. problemas de relacionamento socioeconômico; valores de competição;

B3. seriam necessárias tantas brigas? o Pica-Pau não deveria tentar outros meios de disputa?

- **“Vale tudo”** (personagem secundário: urubu marujo)

- sem questões.

- **“O campeão do estilingue”** (personagem secundário: urubu índio)

A1. diversão é agredir?

A2. competição como forma de vida na sociedade atual; ausência de dialogo entre os personagens;

B1. separação econômica;

- **“Um jogador de sorte”** (personagem secundário: jogador de golfe)

A1. vale tudo no jogo? o esporte é algo a ser apreciado em si mesmo ou como meio de projetar-se acima do outro?

B1. o que é ser honesto?

b) Desenhos animados do tipo “atividades de caráter profissional”

- **“O barbeiro de Sevilha”** (personagem secundário: o 2º cliente)

A1. a agressividade totalmente gratuita;

A2. utilização de uma pessoa pela outra;

B3. é interessante usar músicas conhecidas nos desenhos.

- A reavaliação deste desenho animado:

A1. não se está se oferecendo à criança uma “educação para a violência”?

A2. qual o direito que se tem de usar o outro?

B3. por que algumas vezes o Pica-Pau é agressivo gratuitamente? e o que faz as crianças gostarem muito? Será o aspecto gozador?

- **“A vassoura da bruxa”** (personagem secundário: a bruxa)

A2. com que direito pode alguém exigir algo do outro, como se todo mundo fosse seu?

- **“O fotógrafo chato”** (personagem secundário: o fotógrafo)

A1. como lidar com as pessoas inoportunas? passando-lhes rasteiras?

B1. será sempre o Pica-Pau agressivo? não será sempre o provocado?

- **“O vendedor insuportável”** (personagem secundário: o urso Charlie)

A1. a invasão dos “vendedores” na vida das pessoas;

A2. para conseguir o que se quer, todos os meios são válidos?

- **“Dopey Dick: a baleia rosa”** (personagem secundário: o marinheiro capitão)

- **“O garimpeiro garimpado”** (personagem secundário: bandido do oeste)

A2. como se defender da ganância alheia?

- A reavaliação deste desenho animado:

(sem questões).

a) Desenhos animados do tipo “recuperação de algo pessoal”

- **“A política do cobertor molhado”** (personagem secundário: urubu careca)

A2. os fins justificam os meios? em negócios tudo vale? se me querem causar mal, posso fazê-lo, também, ao outro?

B1. quem é “bom” e quem é “mau”?

- **“Pica-Pau biruta”** (personagem secundário: doutor Raposa)

B3. quanto à forma de agressividade dos outros personagens em relação ao Pica-Pau

- **“É madeira pra burro”** (personagem secundário: lenhador)

A2. o que é justo ou injusto? até que ponto o trabalho de uns é agressão a outros e o bem estar de uns, o empecilho ao trabalho de outro?

B3. o Pica-Pau é sempre agressivo ou sempre o provocam? seria uma defesa dele sempre e uma arma ser irônico?

1.9 INDÚSTRIA CULTURAL

A indústria cultural é um objeto de estudo das ciências humanas e encontra-se no bojo das discussões sobre questões éticas; são os produtos oferecidos pela TV realmente adequados para o desenvolvimento das potencialidades ou habilidades humanas, ou seja, capacidades cognitivas, psique e comportamental?

A impressão por tipos móveis, a prensa móvel, foi desenvolvida por Gutenberg no século XV. Naquela época os textos começavam a surgir como cultura padrão, mas restrita a um grupo seletivo, ou seja, a uma elite letrada. A cultura de massa surgiria bem depois, na segunda metade do século XIX, na Europa, também destinada a um determinado público. O produto a que tinham acesso era o folhetim de romance que reproduzia a vida daquele tempo. Hoje esse estilo é representado pelas novelas, dentre outros.

Conforme COELHO (2007, P. 27) a indústria cultural é um estado avançado de “barbárie cultural”; ela é apta a produzir ou apressar a degradação do homem. Portanto, dentro de um Estado fascista em que se encontra, sendo suporte do totalitarismo moderno, sua missão é motivar a alienação dos seres humanos. É possível compreendê-la como método por meio do qual o indivíduo é conduzido a não refletir sobre si mesmo e sobre a totalidade do meio social que o cerca. É um

mecanismo que converte o indivíduo em mero brinquedo e, finalmente, em simples produto alimentador do sistema que o abarca.

Os primeiros pensadores a usar a expressão “Indústria Cultural” foram Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, da Escola Frankfurt, na década de 1940. Esses pensadores reconheciam a indústria cultural como indústria da distração e admitiam que cria apenas um “falso prazer”, induzindo à alienação. Ela nega aos consumidores aquilo que lhes promete. Percebe-se que essa indústria é uma fábrica de engano e de consumo superficial.

A indústria cultural está relacionada à Revolução Industrial, quando começou a substituição das ferramentas pelas máquinas, da força humana para evolução tecnológica. A Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra na segunda metade do século XVIII. Portanto, a cultura industrial, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa começaram a partir da manifestação da industrialização.

É uma indústria que busca controlar a classe trabalhadora ao negar os benefícios do prazer com o lazer. O direito a diversão se dá esporadicamente nos feriados e nas férias. A exploração da força de trabalho tem como intuito gerar produção e obter cada vez mais lucros; utilizam-se do discurso da ideologia do trabalho, qual seja, "o trabalho enaltece o homem", herança burguesa.

Por sua vez a indústria cultural e todos os seus veículos, independentemente do teor das mensagens publicadas, trazem vestígios de uma ideologia capitalista. Contudo, percebe-se que a sociedade, em seu interior, não quer se dar ao luxo de abandonar um meio como a TV e os produtos culturais que por ela são produzidos.

Por outro lado, esse enfoque não permite esquecer que, de fato, todo produto traz em si os germes do sistema que o gerou; diminuir a importância dessa constatação pode resultar em graves danos para uma sociedade em processo de transformação (COELHO, 2007, p. 37).

Contudo a evolução da indústria cultural e cultura de massa começam a partir da utilização da máquina e da subordinação ao trabalho, da exploração do ser humano e da própria divisão do trabalho. São as consequências de uma sociedade capitalista liberal, que deixa bem claro a oposição de classes.

Para essa sociedade capitalista liberal o modelo principal de avaliar tende a ser a coisa, o bem e o produto; tudo é julgado como coisa, tudo se transforma em coisa, incluindo o homem. Este homem reificado é refém do seu trabalho, não tem valorizada a sua remuneração que, por sua vez,

não está compatível com as horas trabalhadas. Esse homem mal remunerado não poderá desfrutar ou ter acesso ao conhecimento teórico e nem terá disponibilidade de tempo para se dedicar a quaisquer atividades, informações, estudos; pode torna-se um ser limitado, sem alcançar seus projetos de vida, sem analisar a realidade do seu país, sem questionar e refletir sobre si mesmo e a sociedade.

O ser humano consome os produtos da cultura padrão, sem ter oportunidade, ou melhor, dizendo, sem contestar o que consome e se realmente o que compra é necessário, em face à pressão imposta pela "mídia" que dita padrões e regras, ilusão de uma vida "produtiva". Entretanto percebe-se que este é fígado por uma cultura sem valor, com quaisquer promoções oferecidas. É essa a característica de uma sociedade consumista, capitalista, que foi inserida na indústria cultural através da revolução industrial, como já dito.

Percebe-se que a TV é um veículo poderoso, que leva a sociedade a ser consumista. Essa cultura do consumismo acomete toda a humanidade. Teve início nos países do primeiro mundo, que disseminaram pelo mundo ocidental seus "valores" pelos meios de comunicação, fornecendo seus modelos e hábitos de consumo para que fossem adotados, ela hoje avança por todos os cantos do planeta.

Existem três eixos a serem discutidos no contexto da revelação cultural: superior, média e de massa. Entende-se por cultura superior os produtos que são enaltecidos e analisados pelos instruídos, como: “a pinturas do Renascimento, as composições de Beethoven e os romances ‘difíceis’ de Proust e Joyce, a arquitetura de Frank Lloyd Wright e todos os seus contemporâneos/congêneres”. Porém, acredita o autor, quem pode desfrutar dessa cultura é a classe dominante (DWIGHT, apud COELHO, 2007, p. 38).

A cultura média, do meio, é nomeada pela expressão "midcult", se expandiu no universo dos valores-burgueses. Não é difícil identificar os seus produtos: são os Mozarts, a sua música que é cantada em discotecas; as pinturas de queimadas na selva; escola de samba; poesias, dentre outras.

Com a possibilidade da *midcult* aparecer como subproduto da indústria cultural, ela se diferencia da *masscult* ao apropriar-se do comportamento da cultura superior pelo fato de poder ter acesso a esses produtos. Nota-se, bem claro, que já foram completamente consumidos por outra cultura, não são de primeira linha. Embora seja levado a acreditar que faz parte de uma cultura superior, o consumidor é levado a crer que teve contato com a “verdadeira cultura”, ou seja, acredita que está consumindo obras de grande importância cultural.

Forma depreciativa, diz que a cultura de massa não se chama de *mass culture*, mas sim de *masscult*. Para o autor não se trata nem de uma cultura e nem de massa, o que ocasionou uma enorme dificuldade para registrar os produtos no mercado nessa categoria (*masscult*) enquanto que os outros não. A cultura que é fornecida pelos meios de comunicação de massa como TV, rádio e cinema, que é prestigiada e está na moda, não têm a mesmo reconhecimento da cultura introduzida nos teatros, nas literaturas e outros meios de comunicação. (DWIGHT, apud COELHO, 2007, p. 38).

Por sua vez, cabe evidenciar, que um produto cultural considerado inferior com o passar do tempo pode mudar completamente de posição e transpor para outra cultura superior, como é o caso do jazz. Saiu dos bordéis e favelas negras para as platéias brancas dos teatros. Nesse caso percebe-se que, de alguma maneira, as culturas transpõem barreiras das classes sociais com uma proporção bem maior do que imaginamos.

Existe uma comparação entre a cultura de massa e a cultura popular, propondo-se entre ambas uma intimidade de sujeição e de rejeição, que na verdade deveria ser compreendida como complementação. A cultura popular é o auto-reconhecimento do indivíduo dentro do seu grupo, ela acrescenta valores tradicionais de um povo, manifestando-se através de suas danças, formas artísticas e artesanatos ou nas suas credices e costumes gerais (COELHO 2007, p. 20).

De outro modo, partindo-se da hipótese de que a cultura de massa aliena, leva o indivíduo a perder sua identidade diante da sociedade, chega-se a conclusão de que o objetivo desta cultura é o de adormecer o pensamento crítico do homem, manipulando-o através de seus entretenimentos e produtos, tentando camuflar a realidade.

Em contrapartida, os defensores da indústria cultural dizem que ela não é um fator de alienação, ela proporciona benefícios ao desenvolvimento do homem. Vale ressaltar que as crianças desde cedo dominam a linguagem, através da TV. “Diz-se ainda, com base na dialética de Engels, que o acúmulo de informação acaba por transformar-se em formação” (apud, COELHO, 2007, P. 24). Entretanto o que ela pode fazer é universalizar.

Complementando (COELHO, 2007, P. 29, 30)

Para os que se colocam neste ponto de vista, a televisão, por exemplo, pode dirigir-se para o caminho da revelação e da libertação do homem na medida em que transmitir menos novelas ou menos futebol e mais programas de informação (...), divulgar uma programação embebida na filosofia socialista e não capitalista.

CAPITULO 2 - OBJETIVOS

O propósito deste trabalho é levar os educadores a refletir sobre os programas de televisão que apresentam para os seus alunos.

2.1. OBJETIVO GERAL

- Analisar os desenhos animados preferidos das crianças e a maneira como elas e seus professores avaliam essas mensagens.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar em que medida os desenhos preferidos das crianças têm algum efeito sobre os alunos e se transmitem valores ou anti-valores;
- Identificar se a escola utiliza programas de televisão em suas atividades regulares;
- Identificar se os desenhos que os alunos veem são conhecidos pelos professores e professoras;
- Avaliar se o desenho preferido das crianças poderia ser apresentado na escola como parte das atividades regulares.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa tem com o propósito analisar os dados referentes às entrevistas realizadas, com a finalidade de identificar qual é a percepção dos alunos sobre os desenhos animados que eles preferem e como as professoras, as coordenadoras/supervisora da escola dessas crianças avaliaram esses mesmos desenhos.

A pesquisa (enquete) tem, via de regra, que utilizar amostras estatisticamente significativas. Devido às diversas dificuldades de ordem prática, como o custo financeiro, dificuldade de acesso aos participantes, muitos desses levantamentos são feitos, por amostra, situação experimentada pela presente pesquisa.

Foi selecionado uma amostra por conveniência, composta por 26 alunos e 4 educadores, sendo: 10 (dez) alunos da escola pública, uma professora da turma e a supervisora; 16 (dezesesseis) alunos de colégio particular, 1 professora e 1 coordenadora.

Conforme GIL (2008, p. 94)

O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.

As entrevistas de investigações exploratórias realizadas neste trabalho têm como objetivo esclarecer e também alterar conceitos e ideias a partir de problemas exatos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Segundo GIL (2008, p. 27)

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado assunto. Esse tipo de pesquisa é realizado especificamente, quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

É imprescindível ressaltar que esse trabalho tem características qualitativas e dados quantitativos. Quantitativo em razão de; os questionários apresentarem perguntas fechadas compreendidas nas entrevistas aplicadas; ser um instrumento padronizado que permite comparar as respostas numéricas; ter um aspecto de uma enquete com opiniões adaptadas. Também é qualitativa por ser semi-estruturada, por abranger perguntas abertas, dando oportunidade aos entrevistadores de responder com autonomia.

3.1 Contexto da pesquisa

As entrevistas foram realizadas entre os dias 17 de maio e 30 de junho de 2011. A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas de Brasília - Distrito Federal, localizadas na Asa Norte, uma pública e outra particular. A escolha das escolas foi pela proximidade da minha residência. Por

questão de sigilo, não serão divulgados os nomes dos participantes desta pesquisa, tampouco o nome das instituições envolvidas.

A escola pública teve um destaque por sua conquista de “Melhor Desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB/2007), nas séries iniciais do Ensino Fundamental em Brasília/DF, em agosto de 2008”. A sua infra-estrutura precisa ser reestruturada, porém nada que comprometa a qualidade de ensino ou algo que represente perigo ao cotidiano dos alunos.

Essa escola atende o seguimento das séries iniciais do 1º ano ao 5º ano do ensino fundamental, nos turnos matutino, vespertino e uma turma integral do 3º ano. Compõe-se de um corpo docente com professores, coordenadores pedagógicos, supervisor, diretor, vice-diretor e orientador educacional, complementado com funcionários de carreira administrativa. Além do mais, conta com apoio das famílias que procuram atender as necessidades da escola, por meio de projetos e eventos em que seja mais realístico e interativo o binômio família-escola. Vale citar como exemplo um mutirão para limpeza da escola.

A instituição particular atende a educação infantil e o ensino fundamental até o 9º ano, nos turnos matutino, vespertino e integral. A proposta do colégio é construtivista, visa à socialização dos alunos, proporcionando projetos e eventos, como: concurso literário, gincana cultural, feira de ciência e de arte, onde os estudantes podem vivenciar na prática o que é estudado em sala de aula.

3.2 Participantes do estudo

A pesquisa de campo foi realizada com base nas opiniões dos alunos, professores, coordenadora e supervisora, com o objetivo de identificar quais os desenhos animados preferidos dos alunos e verificar quais as percepções dos educadores. Nesse contexto, interessava-nos saber se os professores utilizavam programas de televisão em suas atividades regulares, se sim, quais esses programas e se conheciam os desenhos que os alunos assistiam regularmente fora do ambiente escolar.

Dentre os participantes da pesquisa na escola pública, registramos: 10 alunos, com idade entre 06 e 07 anos, do 2º ano, matutino, série inicial do ensino fundamental; uma professora da turma, além da supervisora.

Na escola particular, foram entrevistados 16 alunos entre 05 a 06 anos, do turno matutino, do 1º ano das séries iniciais do ensino fundamental, a professora da própria turma e sua coordenadora pedagógica.

3.3 Instrumento de construção de dados

O instrumento utilizado para coletar informações sobre os desenhos animados infantis que as crianças assistem foi à entrevista semi-estruturada com perguntas abertas, para proporcionar-lhes a oportunidade de relatar suas experiências, bem como revelar seu desenho preferido. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio a fim de garantir a veracidade das informações e facilitar a recuperação das informações.

No recolhimento de dados consta a identificação do entrevistado: idade, sexo, onde mora, com quem reside, a profissão e a escolaridade dos pais. Há também questões ligadas com os afazeres da criança: o que faz antes e depois de ir à escola; o que mais gosta de fazer; se tem televisão em casa e a que horas assiste; se possui TV a cabo; o que assiste na televisão e quais seus programas prediletos.

Saber se a criança consegue contar a historinha do desenho de que mais gosta (esse é o desafio mais importante, para mim); se assiste sozinho ou acompanhado; se há proibição quanto a determinado programa; qual o programa que não gosta de ver; se na escola tem televisão; se assiste desenho ou filme na escola e se, em seguida, desenham o que assistiram na escola.

A etapa seguinte é a da abordagem aos professores. O entrevistador passa o desenho e o programa que os alunos gostam de assistir (o desenho animado Bob Esponja e a série I Carly) para que professores, coordenadora e supervisora assistam juntos e respondam à entrevista, cujo propósito é compreender a percepção e visão desses educadores.

Os educadores assistiram a série I Carly, mesmo não sendo a mais votada, pelo público entrevistado na faixa etária de 5 a 7 anos. No entanto, se fossem entrevistadas crianças entre 8 a 10 anos, talvez a audiência e a votação desse programa fossem bem maior. O Pica-Pau ainda nos dias atuais continua nas preferências dos alunos das primeiras séries.

O método utilizado na pesquisa foi o mesmo (semi-estruturado), a fim de obter respostas aprofundadas das entrevistadas, além de saber sobre sua formação profissional: há quanto tempo lecionam nas séries iniciais; se na infância gostavam de ver desenho animado, com que frequência assistem televisão; se possuem TV por assinatura; se têm filhos, qual a idade deles e que programas eles gostam de ver todos os dias.

O objetivo dessa abordagem é identificar se os educadores têm conhecimento do que a criança vê na televisão, quais os efeitos do programa sobre a criança, se a escola utiliza filme, seriado ou desenho animado como parte das atividades regulares e se esse programa é adequado à

faixa etária, no caso, de 05 a 07 anos. As perguntas são inquietantes, o universo a pesquisar é imenso.

Não foi possível realizar a pesquisa presencial em virtude de pouca disponibilidade de tempo das educadoras da escola. Apenas tive oportunidade de fazer presencial com a supervisora da escola pública. Foi feita a entrega do questionário e do DVD com os episódios dos programas para assistirem e responderem. Porém, em outro momento, tivemos oportunidade de conversar para esclarecer alguns pontos relevantes.

3.4 Procedimentos da coleta

Antes de começar a pesquisa a entrevistadora visitou e frequentou as duas escolas para ter um contato com os alunos, com os professores e coordenadores, para se sentir familiarizada com eles e, também, para facilitar a entrevista.

As entrevistas foram feitas no período matutino. Durante o percurso até a sala de entrevistas a pesquisadora conversava com a criança sobre desenhos animados. Após terminar a entrevista a pesquisadora acompanhava a criança de volta a sala de aula e continuavam no caminho conversando, oportunidade para também agradecer a participação e destacar a importância da sua contribuição para pesquisa.

Para coleta de dados foram utilizados gravadores de áudio sendo todas as entrevistas com os alunos gravadas. Não houve tempo determinado para as entrevistas, procurou-se respeitar a espontaneidade e ritmo de cada criança.

CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E ANÁLISES

Cabe, inicialmente, fazer uma breve referência aos dois programas que selecionamos para motivar a conversa com as educadoras.

A Série ICarly e o episódio O quarto novo.

ICarly é um sitcom americano criado por Dan Schneider e estrelado por Miranda Cosgrove que tem como papel Carly Shay, uma garota que cria seu próprio web show na internet junto com seus melhores amigos, Samantha "Sam" Puckett e Fredward "Freddie" Benson. No elenco principal

estão: Miranda Cosgrove como Carly, Jennette McCurdy como Sam, Nathan Kress como Freddie, Jerry Trainor como Spencer e Noah Munck como Gibby. O show é gravado na Nickelodeon on Sunset Studios em Hollywood, Califórnia.

Carly é uma garota comum que mora em Seattle no estado de Washington. Ela vive com seu irmão mais velho, Spencer, que é escultor e se diverte junto com Carly e seus amigos. Spencer é também seu tutor legal, já que seu pai é um militar que está em viagem num submarino europeu. Certo dia, em sua escola, a melhor amiga de Carly, Sam, coloca o rosto da professora de Inglês Srt^a Biggs (Mindy Sterling) no corpo de um rinoceronte. Sam corre o risco de ser expulsa, então Carly, para salvar a pele da amiga, decide levar a culpa e dizer que foi ela quem fez a “pegadinha”.

Então, como castigo, Carly fica o sábado inteiro na escola para fazer a audição do próximo show de talentos. Sam vai para a escola no sábado a fim de ajudar a amiga e Freddie também está lá para ajudá-la. Carly havia apenas pedido a filmadora dele emprestada, mas ele resolve ir pessoalmente. Ele é muito prestativo com Carly, pois além de ser seu vizinho, acha que está apaixonado por ela. Ele grava a audição em CD para poder mostrar a Srt^a Briggs, mas no meio da audição Carly e Sam começam a provocar a professora, Srt^a Briggs, dizendo que ela tem "seios pontudos". Freddie acha que elas estão sendo engraçadas e grava o momento em que as garotas provocam a professora, mas quando ele vai editar os testes da audição, acidentalmente posta o vídeo das meninas ao invés dos testes em um dos sites mais famosos da internet, o "SplashFace".

O vídeo tem milhões de acessos e recebe bons comentários, muitas pessoas acham que Carly e Sam são muito engraçadas, mas a Srt^a Briggs acaba descobrindo e por isso decide não escolher nenhum dos alunos que as garotas acharam talentosos para participar do show e as garotas ficam indignadas com isso. Carly, Sam e Freddie então se reúnem na casa da Carly depois da escola e ela se lembra dos comentários positivos que fizeram do vídeo dela e da Sam na internet e dos pedidos feitos por mais vídeos. Então ela tem a ideia de criar um webshow online na internet toda semana, já que elas são tão engraçadas e o vídeo delas teve milhões de acessos. Sam diz à Carly que o show pode ser dela e que apenas quer aparecer como a assistente divertida e, por conta disso, Freddie sugere que o nome do show seja *ICarly*: o "i" de internet e "Carly", pelo nome da garota. Carly e Sam são as apresentadoras da webshow e Freddie é o produtor técnico, já que este entende tudo de tecnologia. O show é um enorme sucesso. Carly e Sam são reconhecidas nacionalmente.

Façamos uma breve descrição do episódio **O quarto novo**. O aniversário de Carly está chegando e, por isso, Spencer se esforça para realizar uma festa maravilhosa (na verdade, ele quer compensar a festa do ano anterior, que foi um verdadeiro fiasco). Ele deixa que o avô de Gibby, que é cego, corte seu cabelo e em seguida faz um abajur de ursinhos de goma para dar de presente à

irmã. O abajur acaba provocando um incêndio e destruindo o quarto de Carly. Em seguida, ele acaba recuperando do incêndio um relógio de ouro que havia sido dado a ele por sua avó e que havia pertencido a sua bisavó. O objeto tem um preço avaliado em 82 mil dólares e estava no seguro. Logo, como um meio de desculpar-se com a irmã, Spencer convence Carly a conseguir um emprego temporário em uma loja, para que ele, Sam e Freddie reformem o quarto e lhe façam uma surpresa. No final, eles acabam tornando o quarto extravagante e mais maravilhoso do que antes e deixando Carly muito feliz.

O desenho animado Bob Esponja e o episódio Precisa-se de um Ajudante

Bob Esponja está feliz porque finalmente ele irá ao Siri Cascudo pra conseguir um emprego. Ele perde a coragem, mas Patrick, o amigo, o convence e o encoraja novamente. Lula Molusco, que está limpando a porta do estabelecimento, se desespera ao ver o Bob Esponja e pensa, aí vem o fracassado. Tenta avisar o Seu Siri Queijo, mas o Bob Esponja entra no estabelecimento antes. Depois de um longo tropeção ele pede emprego ao Siri Queijo, que diz que só vai o deixar ele trabalhar no Siri Cascudo se ele conseguir uma "espátula hidrodinâmica com acessórios de popa e proa e motor turbinado". O Siri Queijo diz que não iam mais ver o "sem jeito" e Lula Molusco diz: você é terrível e um hidroque.

Bob Esponja vai buscar a espátula no mercado da barganha e compra a última espátula. Enquanto isso, o Siri Cascudo recebe milhares de enchovas que tomam conta do lugar. O Bob Esponja volta ao Siri Cascudo, serve todas as enchovas rapidamente e salva o estabelecimento. Por salvar o lugar, o Seu Siri Queijo, que tinha como objetivo livrar-se do Bob Esponja, acaba contratando, o que deixa Lula Molusco confuso. Ele diz: vamos dar uma chance a ele. Patrick chega o Siri Cascudo e pede um hambúrguer de siri, mas o Bob usa o mesmo método que usou nas enchovas e acaba jogando hambúrguer em Patrick. Com isso ele acaba fora do estabelecimento.

A Percepção das Crianças

As entrevistas realizadas foram lidas e relidas incontáveis vezes, com o propósito de compreender e levantar os componentes mais significativos de cada resposta e foram transcritas fielmente as respostas dos alunos. O fato de as entrevistas serem padronizadas, ou seja, os mesmos roteiros terem sido seguidos tanto na conversa com as crianças quanto com as professoras e coordenadoras dos dois tipos de escola, facilitou converter as respostas em tabelas, gráficos e

quadros. Considerando também o fato de as amostras serem bastante pequenas, decidimos registrar tanto a frequência absoluta quanto relativa nas tabelas apresentadas a seguir.

A tabela 1- informa sobre as características gerais referentes às crianças entrevistadas, considerando o tipo de escola na qual estudam.

É preciso lembrar, em primeiro lugar, que as crianças da escola particular pertencem ao 1º ano do ensino fundamental ao passo que as crianças da escola pública pertencem ao 2º ano desse mesmo nível de ensino. Isso explica a diferença de idade média entre os dois subgrupos (a média de 5,7 anos de idade no caso da escola particular e de 6,9 anos no caso da escola pública).

Dois dados chamam nossa atenção nessa tabela, tendo em vista a diferença entre alunos de escolas particular e pública; a maior incidência de filho únicos entre os alunos de escola particular e a maior frequência de “famílias nucleares”(pai-mãe-filhos) entre os alunos de escolas públicas (no caso das escolas particulares é proporcionalmente maior a ocorrência de crianças que moram com os avós, sem configurar, contudo, “famílias extensas tradicionais”, que abrigam três gerações sobre o mesmo teto).

Tabela 1 - Características gerais referentes às crianças entrevistadas por tipo de escola

Indicador	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	f	%	f	%	f	%
Sexo						
Feminino	7	44%	4	40,0%	11	42,3%
Masculino	9	56%	6	60,0%	15	57,7%
Total	16	100%	10	100,0%	26	100,0%
Idade						
5 anos	5	31%	0	0%	5	19%
6 anos	11	69%	1	10%	12	46%
7 anos	0	0%	9	90%	9	35%
Total	16	100%	10	100,0%	26	100,0%
Idade média (em anos)	5,7 anos		6,9 anos		6,2 anos	
Quantos irmãos possui						
Nenhum	6	38%	1	10%	7	27%
Um	7	44%	4	40%	11	42%
Dois	2	13%	5	50%	7	27%
Cinco	1	6%	0	0%	1	4%
Total	16	100%	10	100,0%	26	100,0%
Irmãos (nº médio)	1,0 irmão		1,4 irmãos		1,2 irmãos	
Com quem mora						
Avós-Mãe-Filho(s)	5	31%	1	10%	6	23%
Avós-Pai-Mãe-Filho(s)	2	13%	0	0%	2	8%
Mãe-Filhos	2	13%	0	0%	2	8%
Padrasto-Mãe-Filho(s)	0	0%	1	10%	1	4%
Pai-Mãe-Filho(s)	7	44%	8	80%	15	58%
Total	16	100%	10	100,0%	26	100,0%
Tipo de residência						
Casa	4	25%	8	80%	12	46%
Apartamento	12	75%	2	20%	14	54%
Total	16	100%	10	100,0%	26	100,0%

A tabela 2 - refere-se ao tipo de ocupação e nível de escolaridade dos pais das crianças da escola particular. Infelizmente não conseguimos junto à secretaria da escola pública informações a esse respeito. A tabela mostra que a escolaridade da maioria dos pais é de nível superior 81%.

Tabela 2 - Ocupação e escolaridade dos pais das crianças da escola particular

Ocupação do pai			Ocupação da mãe		
	f	%		f	%
Administrador	1		Administradora	1	
Analista de sistema	2		Agente Penitenciária	1	
Autônomo	1		Analista de Sistema	1	
Biólogo	1		Autônoma	1	
Contador	1		Bancária	1	
Empresário	1		Dona de casa	2	
Fotógrafo	1		Enfermeira	1	
Instrutor de Auto Escola	1		Estudante	1	
Militar	3		Funcionária Pública	1	
Nutricionista	1		Jornalista	1	
Procurador	1		Psicóloga	1	
Professor Universitário	1		Secretária executiva	2	
Veterinário	1		Total	14	
Total	16				

Escolaridade do pai			Escolaridade da mãe		
	f	%		f	%
Ensino Médio	2	13%	Ensino Médio	3	19%
Ensino superior	12	75%	Ensino superior	13	81%
Pós-Graduação	2	13%	Total	16	100%
Total	16	100%			

A tabela 3 - refere-se às atividades que as crianças realizam na parte da tarde (após voltarem da escola). Os dados me chamaram atenção, não esperava esse resultado, em virtude de terem acesso TV a cabo, vídeo game e computador. As crianças ainda brincam de jogar bola, de boneca, de casinha, de mãe e pai, jogar xadrez, lego e andar de bicicleta. (92% das crianças costumam brincar em casa).

É importante notar, contudo, que assistir TV também é muito freqüente entre as crianças (88% assistem TV à tarde). Outras atividades destacadas por elas foram: fazer o dever de casa (85%) e desenhar (77%).

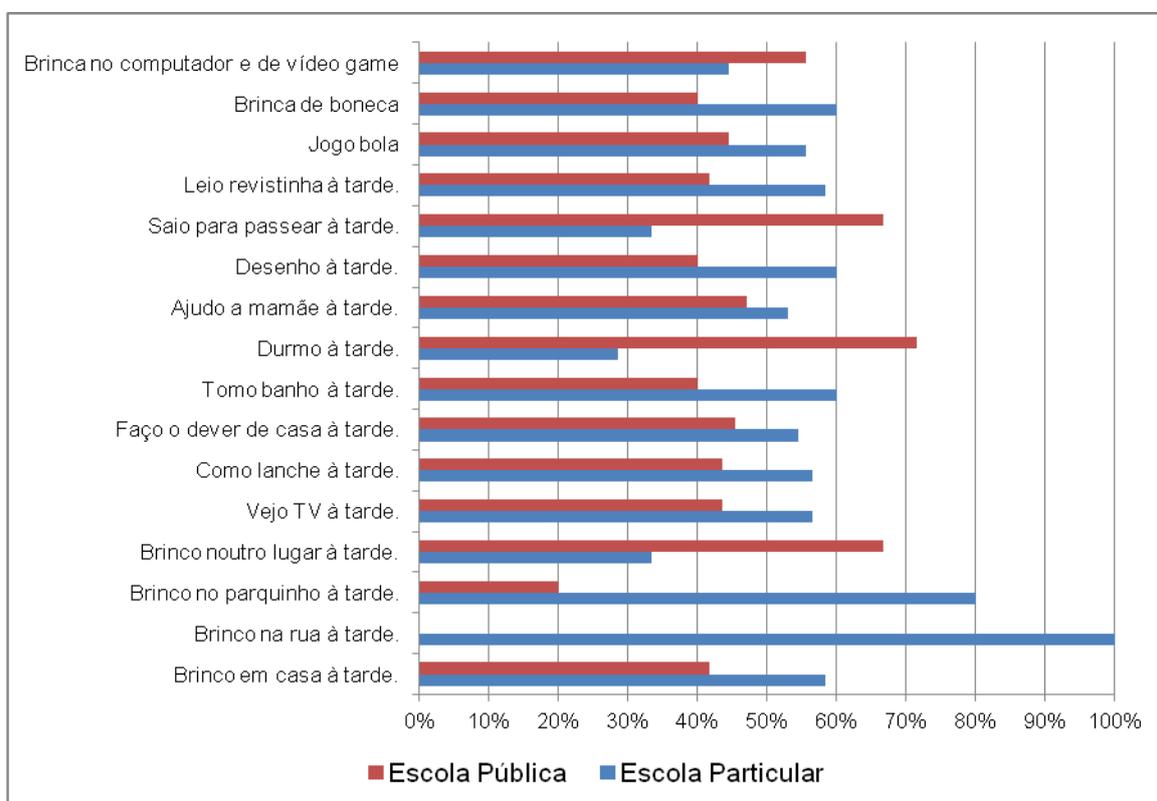
Tabela 3 - O que a criança costuma fazer no período da tarde (após voltar da escola)

Indicador	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	f	%	f	%
Brinco em casa	14	88%	10	100%	24	92%
Brinco na rua	2	13%	0	0%	2	8%
Brinco no parquinho	4	25%	1	10%	5	19%
Brinco noutra lugar	1	6%	2	20%	3	12%
Vejo TV	13	81%	10	100%	23	88%
Como lanche	13	81%	10	100%	23	88%
Faço o dever de casa	12	75%	10	100%	22	85%
Tomo banho	12	75%	8	80%	20	77%
Durmo	2	13%	5	50%	7	27%
Ajudo a mamãe	9	56%	8	80%	17	65%
Desenho	12	75%	8	80%	20	77%
Saio para passear	2	13%	4	40%	6	23%
Leio revistinha	7	44%	5	50%	12	46%
Jogo bola	5	31%	4	40%	9	35%
Brinca de boneca	3	19%	2	20%	5	19%
Brinca no computador e de vídeo game	4	25%	5	50%	9	35%

O gráfico 1 - apresenta os mesmos dados da tabela acima, limitando-se, contudo, aos valores relativos (%). Outras atividades mencionadas com menor frequência pelas crianças foram: brincar de andar bicicleta, jogar xadrez, assistir DVDs, nadar. Cabe notar, também, que somente duas crianças entrevistadas ficam em tempo integral uma na escola e a outra fora da escola na academia (ambas na escola particular).

A aluna que fica na escola depois da aula a sua atividade é fazer o dever de casa, natação a outra que faz depois da escola, toma banho e almoça em casa e vai para academia, fica pouco na quadra, brinca e vai para brinquedoteca, sala TV, depois capoeira, jogos, joga futebol e piscina e volta para quadra. Só volta para casa às 23h.

Gráfico 1 – O que a criança faz no período da tarde



A tabela 4 - refere-se às atividades que as crianças realizam à noite. Os dados mostram que as crianças possuem uma clara consciência de que a noite foi feita para dormir (não perguntamos a que horas elas costumam dormir, pois elas são muito pequenas e não têm ainda uma noção de tempo precisa). O fato de apenas 15% dizerem que assistem TV não deixa de ser significativo. Percebo que algumas crianças gostam de brincar em casa e aquelas que não fazem o dever de casa à tarde, faz a noite.

Tabela 4 - O que a criança costuma fazer no período da noite

Indicador	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	f	%	F	%	f	%
Brinco em casa	3	19%	0	0%	3	12%
Brinco na rua	0	0%	0	0%	0	0%
Brinco no parquinho	0	0%	0	0%	0	0%
Brinco noutro lugar	1	6%	0	0%	1	4%
Vejo TV	4	25%	0	0%	4	15%
Como lanche	3	19%	0	0%	3	12%
Faço o dever de casa	1	6%	0	0%	1	4%
Tomo banho	3	19%	0	0%	3	12%
Durmo	16	100%	10	100%	26	100%
Ajudado a mamãe	2	13%	0	0%	2	8%
Desenho	1	6%	0	0%	1	4%
Saio para passear	0	0%	0	0%	0	0%
Leio revistinha	1	6%	0	0%	1	4%

No quadro 1 - as crianças participam das atividades antes e depois da escola, que são diversificadas. Vale notar que assistir DVDs e TV, brincar de boneca e jogar bola são atividades comuns aos dois subgrupos (escolas particular e pública).

Quadro 1 - O que mais gosta de fazer antes ou depois de ir à escola *

Escola Particular	Escola Pública
Ajudar a mamãe (1)	X
Brincar com o cachorro (1)	X
Brincar de boneca e ver televisão (1)	X
Brincar de lego (1)	X
Brincar de lego e ir ao parquinho e tomar banho (1)	X
Brincar de mãe e filhinha (1)	X
Brincar de pique - esconde (1)	X
Ir ao McDonalds (1)	X
Jogar xadrez (1)	X
Jogar xadrez e ir ao parquinho (1)	X
Ler livros (1)	X
Assistir DVDs (1)	Assistir DVDs (1)
Assistir televisão (2)	Assistir televisão (1)
Brincar de boneca (1)	Brincar de boneca (2)
Jogar bola (1)	Jogar bola (2)
X	Andar de Bicicleta e desenhar
X	Brincar com os brinquedos e no computador (1)
X	Brincar de rede (1)
X	Jogar Vídeo Game (1)

Os números entre parênteses indicam a frequência que a atividade foi mencionada dentro de cada subgrupo (escola particular e escola pública) e o sinal X indica que aquela atividade não foi mencionada no subgrupo.

Na tabela 5 - percebo que 38% das crianças têm três televisões em casa, localiza-se 81% sala e 77% no quarto. Com exceção de uma criança que não tem nenhuma televisão em casa. Um dado que me chamou atenção, dos 26 alunos entrevistados entre 5 e 7 anos, 62% tem televisão em seus quartos e 73% possui TV a Cabo.

Tabela 5 – Número de televisores e sua localização na residência das crianças

Indicador	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	f	%	F	%	f	%
Nº de televisores						
Nenhum	1	6%	0	0%	1	4%
Um	4	25%	1	10%	5	19%
Dois	0	0%	3	30%	3	12%
Três	6	38%	4	40%	10	38%
Quatro	4	25%	2	20%	6	23%
Cinco	1	6%	0	0%	1	4%
Total	16	100%	10	100%	26	100%
Localização						
Sala	12	75%	9	90%	21	81%
Quarto(s)	11	69%	9	90%	20	77%
Cozinha	1	6%	1	10%	2	8%
Outro	1	6%	0	0%	1	4%
TV no quarto da criança						
Não	5	31%	5	50%	10	38%
Sim	11	69%	5	50%	16	62%
Total	16	100%	10	100%	26	100%
Possui TV a cabo						
Não	4	25%	3	30%	7	27%
Sim	12	75%	7	70%	19	73%
Total	16	100%	10	100%	26	100%

Na tabela 6 - me deixou surpresa em saber que as crianças assistem desenho animado e ao mesmo tempo tranquila em razão das minhas inquietações em relação aos programas que os alunos assistem. Os dados mostram que a maioria das crianças vê desenho animado. O que mais assistem 54% Phineas e Ferb.

Chamou-me atenção é que em 1985 a autora FUSARI, entrevistou alunos entre 3 e 7 anos, as suas preferências foram o Pica-Pau, e no dias atuais ele continua nos gostos das crianças 33%. Portanto a razão de colocar as respostas das educadoras entrevistadas e o resumo dos episódios na pesquisa, para trazer uma reflexão.

Tabela 6 – Programas que as crianças dizem assistir na televisão *

Indicador	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	f	%	f	%
Phineas e Ferb	7	50%	6	60%	13	54%
Ben 10	4	29%	4	40%	8	33%
Bob Esponja	3	21%	5	50%	8	33%
Pica-Pau	6	43%	2	20%	8	33%
Scooby-Doo	2	14%	5	50%	7	29%
Backyardigans	4	29%	2	20%	6	25%
Meu Amigãozão	5	36%	1	10%	6	25%
Marta Fala	4	29%	1	10%	5	21%
Hannah Montana	4	29%	0	0%	4	17%
Tom e Jerry	2	14%	2	20%	4	17%
Zack e Cody	3	21%	1	10%	4	17%
Barney e Seus Amigos	3	21%	0	0%	3	13%
Lazy Town	2	14%	1	10%	3	13%
Os Feiticeiros de Waverly Place	3	21%	0	0%	3	13%
Peixonauta	1	7%	1	10%	2	8%
Art Attack	1	7%	1	10%	2	8%
I Carly	0	0%	2	20%	2	8%
Mutante Rex	1	7%	1	10%	2	8%
Power Rangers	0	0%	2	20%	2	8%
Rebelde	2	14%	0	0%	2	8%

* Programas que foram citados **2 ou mais vezes** pelas crianças. Os demais programas, citados **apenas uma vez**, distribuem-se da seguinte forma: a) Escola particular (*Batman, Chaves, Dino Dan, Jack Long - o dragão ocidental, Kick Buttowski, Os padrinhos mágicos, Kid Vs. Kat, Star Wars, Homem Aranha, Transformers, Sunny entre estrelas*); b) Escola pública (*As Crônicas de Nárnia, Barbie, Diário da Princesa, Escola para cachorro, Hi-5, Angelina Bailarina, Homem de Ferro, Hot Wheels, Speed Racer, Midinho - o pequeno missionário, Os Simpsons, Ilha dos Desafios, Dragon Ball Kai, Pokemon, Toot e Puddle*).

Na tabela 7 - mostra as preferências dos desenhos animados que a crianças mais gostam de vê, as escolhas foram bem diversificada. O mais votado foi 12% Ben 10 e 12% Bob Esponja. Como duas crianças da escola pública mencionaram o que mais gosta foi à série I Carly, resolvi inserir na pesquisa para tentar compreender essas preferências dos alunos, a série é indicada a partir de 10 anos.

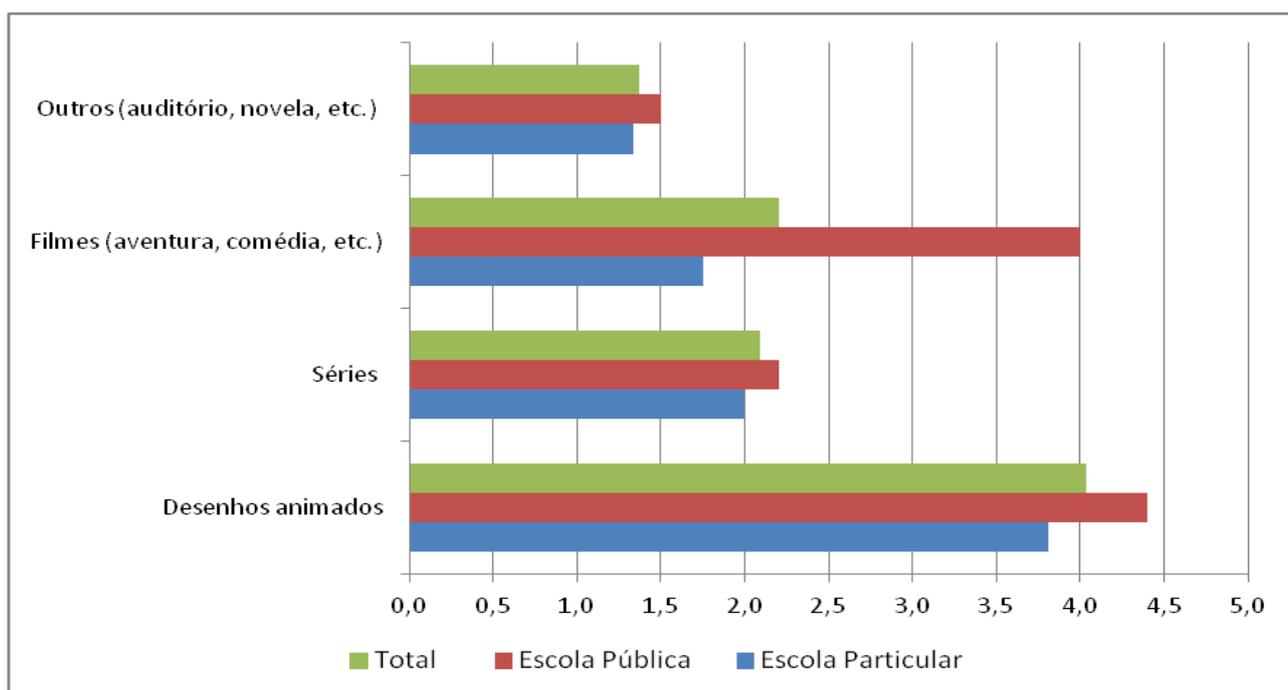
Um aluno da escola particular que não tem televisão em casa vê o seu desenho Midinho, o Pequeno Missionário, no computador pela internet.

Tabela 7 – O programa que a criança mais gosta de assistir na televisão

	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	f	%	f	%
Midinho, o pequeno missionário	1	6%	0	0%	1	4%
As Crônicas de Nárnia	1	6%	0	0%	1	4%
Backyardigans	1	6%	0	0%	1	4%
Ben 10	2	13%	1	10%	3	12%
Bob Esponja	1	6%	2	20%	3	12%
Diário da Princesa	1	6%	0	0%	1	4%
Dino Dan	0	0%	1	10%	1	4%
Hot Wheels	1	6%	0	0%	1	4%
I Carly	0	0%	2	20%	2	8%
Ilha dos Desafios	1	6%	0	0%	1	4%
Jake Long, o dragão ocidental	0	0%	1	10%	1	4%
Marta Fala	1	6%	0	0%	1	4%
Meu Amigãozão	2	13%	0	0%	2	8%
Os Feiticeiros de Waverly Place	1	6%	0	0%	1	4%
Os padrinhos mágicos	0	0%	1	10%	1	4%
Phineas e Ferb	1	6%	0	0%	1	4%
Pica-Pau	1	6%	0	0%	1	4%
Rebelde	1	6%	0	0%	1	4%
Tom e Jerry	0	0%	1	10%	1	4%
Transformers	0	0%	1	10%	1	4%
Total	16	100%	10	100%	26	100%

No gráfico 2 - as crianças das duas escolas assistem desenho animado. Na escola pública as crianças são de 6 a 7 anos, o resultado foi um pouco maior do que as crianças de 5 a 6 anos. É importante notar que as crianças disseram que os programas que elas preferem assistir passam em todos os horários do dia (manhã, tarde e noite). Isso se explica, em larga medida, pelo fato de a maioria delas possuir TV a cabo em casa (esses canais repetem ao longo de todo dia sua programação).

Gráfico 2 - Tipos de programas que as crianças assistem por tipo de escola (número médio de programas indicados)



No quadro 2 - a criança teve oportunidade de relatar como é o seu desenho preferido.

Quadro 2 – Como a criança narra o programa que ela mais gosta e que razões ela oferece para gostar dele

Escola Particular	Escola Pública
<p>As Crônicas de Narnia = As Crônicas de Nárnia, gosto mais da Suzana e a Lúcia. A Lúcia é a menozinha então ela que descobriu a Nárnia ela entrou no armário viu que ele tinha mundo, olha assim, por exemplo, aqui tem um armário eu fijo que eu sou a Lúcia, entrei no armário depois que olhei toda aquela roupa cai na terra, feiticeira branca não gosta que fique sol só do gelo o Pedro e irmão mais velho e o Edmundo eles lutaram com Feiticeira branca.</p> <p>Backyardigans = Porque gosto do filme</p>	<p>Ben 10 = É engraçado ele é legal</p>
<p>Ben 10 = Porque ele bati no relógio as vezes é ao mesmo tempo vira o supremo.</p> <p>Ben 10 = Porque tem alienígena, ele tem relógio que transforma tudo.</p>	<p>Bob Esponja = É legal, quando ele começa ri é engraçado.</p> <p>Bob Esponja = Ele é engraçado o Patrick.</p> <p>Dino Dan = Ele é divertido o dinossauro, conhece o dinossauro novo, ai tem o nome nos bichinho que estão procurando família.</p> <p>I Carly = É legal, mais gosto é da loirinha, Sam.</p>
<p>Bob Esponja = Tem um episódio que que é engraçado, tem um episódio que que aparece personagem principal antido, Lula Molusco, Narigudo, Patrick estrela Seriquejo gosta de dinheiro e Pérola que só reclama do Seriquejo. Eu gosto mesmo é a Pérola é berrona acho engraçado e o Bob Esponja sempre deixa a calça cair e o Patrick fala que o bolo dele é água é engraçado.</p>	<p>I Carly = I Carly é bom aprendo muita coisa, eles faz muita coisa maluca, pega o ovo faz de video game e pega o martelo fica batendo nos outros.</p> <p>Jake Long, o dragão ocidental = Gosto voa, joga chama e também forte, tem dragão gigantes e transforma na hora que quiser em dragão.</p> <p>Os padrinhos mágicos = Não sei Cosmo ele é engraçado.</p>
<p>Diário da Princesa = É muito legal conhece a vó dela ela fica amiga dela ela vira <i>uma</i> princesa.</p>	<p>Tom e Jerry = Tom e Jerry, ele é legal, gato corre tras rato ele tenta pega se machuca.</p> <p>Transformers = Mais legal tem robô gosta de aventura, salva o mundo, os robos são legais.</p>
<p>Hot Wheels = Porque eu adoro esse desenho porque tem carro de listra todo roxo, verde, azul e amarelo carro mais gosto porque bate no carro da Hot Wheels e vai para o lixo.</p>	<p>Tom e Jerry = Tom e Jerry, ele é legal, gato corre tras rato ele tenta pega se machuca.</p> <p>Transformers = Mais legal tem robô gosta de aventura, salva o mundo, os robos são legais.</p>
<p>Ilha dos Desafios = assim tem um time um time para cada um, todos tem desafio um perde no final quem perdeu vai embora da ilha, quem vencer fica famoso.</p> <p>Marta Fala = Marta Fala, porque ela é uma cachorra que fala.</p>	<p>Tom e Jerry = Tom e Jerry, ele é legal, gato corre tras rato ele tenta pega se machuca.</p> <p>Transformers = Mais legal tem robô gosta de aventura, salva o mundo, os robos são legais.</p>
<p>Meu Amigãozão = Porque é bem animado, engraçado quando pega o cachorrinho.</p>	<p>Tom e Jerry = Tom e Jerry, ele é legal, gato corre tras rato ele tenta pega se machuca.</p> <p>Transformers = Mais legal tem robô gosta de aventura, salva o mundo, os robos são legais.</p>
<p>Meu Amigãozão = Ele começa está na televisão, ele é legal, o personagem que mais gosto é o Meu Amigãozão.</p> <p>Midinho, o pequeno missionário = O personagem mais gosta é o Midinho, o que tem sei lá, eu lembro tem um grandão e pequeno pega no judô e pequenininho pega o grandão e derruba é engraçado.</p> <p>Os feiticeiros de Waverly Place = Alex e Rafa e Justin, porque é cheio de magia, tem morcego, tem mumia que eu a adoro, gosto da namorada do Justin a Júlia.</p>	<p>Tom e Jerry = Tom e Jerry, ele é legal, gato corre tras rato ele tenta pega se machuca.</p> <p>Transformers = Mais legal tem robô gosta de aventura, salva o mundo, os robos são legais.</p>
<p>Phineas e Ferb = Phineas e Ferb adoro porque eles inventam muito coisa gosto da irmã dele e do dois, mais engraçado é Candace dançando tem um esquilo na minha calça.</p> <p>Pica-Pau = Pica-Pau pica as pessoas e as arvores. Gosto da Escola pra Cachorro tem alguns cachorros obedientes não dar biscoito e outros que dão.</p> <p>Rebelde = Sobre o Rebelde, personagem mais gosta é Alice ela se aventura um pouquinho as vezes, porque uma vez ela pula muro bem alto.</p>	<p>Tom e Jerry = Tom e Jerry, ele é legal, gato corre tras rato ele tenta pega se machuca.</p> <p>Transformers = Mais legal tem robô gosta de aventura, salva o mundo, os robos são legais.</p>

Tabela 9 - Vejo algo preocupante, a maior parte do seu tempo, as crianças assistem aos programas com seus irmãos 38%, sozinhos 31%, com a companhia dos adultos, os pais, avós e empregada 65%. Os responsáveis mesmo não estando presente em todo tempo, em razão de está trabalhando, mas fala para não assistir determinado programa, principalmente filme de terror, violência, Avatar, quando os pais estão assistindo um determinado filme e teve uma exceção os pais falam para não assistir nenhum programa da TV e nem no computador, porque é do mal.

Tabela 9 - Com quem a criança assiste ao programa de televisão que ela mais gosta

Indicador	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	f	%	f	%
Quem assiste com a criança?						
Pai	3	19%	1	10%	4	15%
Mãe	5	31%	1	10%	6	23%
Irmão(s)	6	38%	4	40%	10	38%
Avô	2	13%	0	0%	2	8%
Avó	2	13%	0	0%	2	8%
Ninguém (sozinho)	2	13%	6	60%	8	31%
Amigo(s)	0	0%	2	20%	2	8%
Outro(s) parente(s)	1	6%	4	40%	5	19%
Empregada	1	6%	1	10%	2	8%
Assiste com algum adulto (pais, avós, empregada)?						
Sim	9	56%	8	80%	17	65%
Não	7	44%	2	20%	9	35%
Total	16	100%	10	100,0%	26	100,0%
Responsável diz para não assistir algum programa?						
Sim	10	63%	10	100%	20	77%
Não	6	38%	0	0%	6	23%
Total	16	100%	10	100,0%	26	100,0%
Que programas os responsáveis dizem para a criança não assistir?						
Avatar	1		0		1	
Fala para não assistir todos que passam na televisão e no computador porque são do mal.	1		0		1	
Filme de terror	1		0		1	
Filmes Violentos	1		0		1	
Quando estão assistindo filme	1		0		1	

No quadro 3 - mostra que algumas crianças deixaram de ver determinado programas, porque começou achar chato e bobo. Outros grupos de crianças não assistem por que são filmes de terror, de violência e sentem medo.

Quadro 3 – Que programas a criança não gosta de assistir e por que.

Escola Particular	Escola Pública
Backyardigans e Pica-Pau = Pois é bobo e é bebe e violento	Barbie ==.....
Barney = Porque é chato	Filme de terror = Pois tem partes e da medo de mais
Ben 10 = Porque ele vira do mal	Hannah Montana = É chato
Carrinhos ==.....	Jornal = É violento
Carrinhos = Porque é chato	Novela = porque é chato e não tem graça
Filme de morte = Porque eu sonho depois	Pokemon = É chato
Filme de terror = Não gosto tenho medo, um dia tive pesadelo e chorei.	Ratinho = É violento
Hannah Montana e Zack e Cody = Porque faz ri, acho que eles só faz graça.	Raul Gil = Acho chato
Não gosto de nenhum ==.....	Raul Gil = Ele chato
Não gosto de reporter e filme = porque é feio e violento	Vingadores = Sem ação e sem aventura e fala protege o mal.
Não gosto de ver programa que tenha sangue e não gosto de ver filme de terror = Fico com medo e faço xixi na calça.	
Não gosto dos animais e de filme de formiga tem gafanhoto = Porque é chato	
Novela e reportagens = Novela fica falando coisas de amor eu sou criança para ouvi não tenho idade para assisti essas coisas e reportagem fala de coisa que não sei.	
Peixonauta = Porque é chato	
Scooby-Doo e filmes de terror = Pois me assustam	
Zeke e Luther = é coisa de menino.	

No quadro 4 - mostra os programas que as crianças assistiram na escola, a maioria gostou de assisti. Os alunos da escola particular assistiam TV a cabo (DISCOVERY KIDS) quando estavam na educação infantil, por isso essa diversidade de escolha dos programas.

Teve duas exceções - uma da escola particular não gostava dos programas que passava achava muito bobo e chato vê DISCOVERY KIDS e da escola pública não gosta dos programas que passa na escola, gosta de assistir filme de terror, como Sexta-Feira 13 e Pesadelo.

Quadro 4 – Que programa você já assistiu na TV da escola e gostou e por que gostou.

Escola Particular	Escola Pública
Passa quando eu era da outra turma, só passa desenho da Discovery Kids, eu não assistia acha muito bobo, ficava brincando na brinquedoteca.	O Cão e a Raposa = Gosto é legal
Alvin e os Esquilos = Gosto das esquiletes	A Dama e o Vagabundo = Gostei
Alvin e os Esquilos = Gosto de Alvin e os Esquilos	Anaconda = Eu gosto dos filmes que passam na escola
Alvin e os Esquilos = Na escola passa filme muito legal.	Era do Gelo = Gostei é legal, não tinha assistido ainda
Aprendiz de Feiticeiros = Gosto muito	Era do Gelo e O Cão e a Raposa = O filme mais gostei foi O Cão e a Raposa, tem momentos legais que ajuda outro.
Bob Esponja = Gosto é legal	O Cão e a Raposa = Gosto foi legal
Era do Gelo = Gostei muito pois achei muito legal	O Cão e a Raposa = Não gosto eu gosto de filme Sexta-feira 13 e Pesadelo
Era do Gelo = Gosto do filme que passa na escola	O Cão e a Raposa = Gosto muito
Isadora a Sereia = Gosto	Scooby-Doo = Gosto muito
Marta Fala = Gosto muito	Scooby-Doo e os Piratas = Gosto porque é legal
Meu Amigãozão e Pokemon = Gosto muito porque é legal	
Mulan =.....	
Mulan = Gosto	
Shrek = Gosto muito	
Toot e Puddle = Gosto muito	

Ao final da entrevista, as crianças tiveram oportunidade de escolha para expressar no papel o seu programa de TV que mais gosta de assistir. Uns quiseram desenhar o que viu na escola, outros quiseram desenhar os desenhos que mais gostam de assistir em casa e outros não quiseram desenhar.

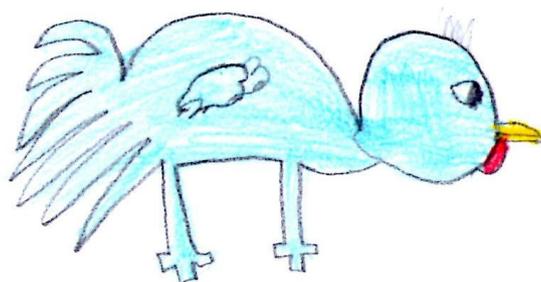
56% das crianças da escola particular e das crianças da escola pública fizeram esse desenho (nota-se que as crianças da escola particular são mais novas). Vale à pena registrar aqui esses desenhos.

Desenhos das Crianças

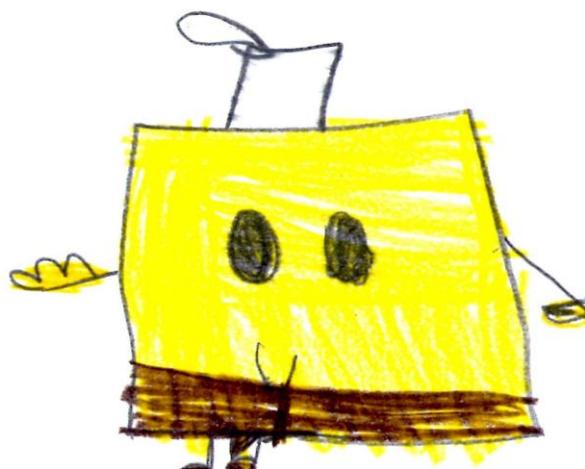
Repe Liti



Idade da criança 7 anos (desenho do filme Happy Feet – O Pinguim)



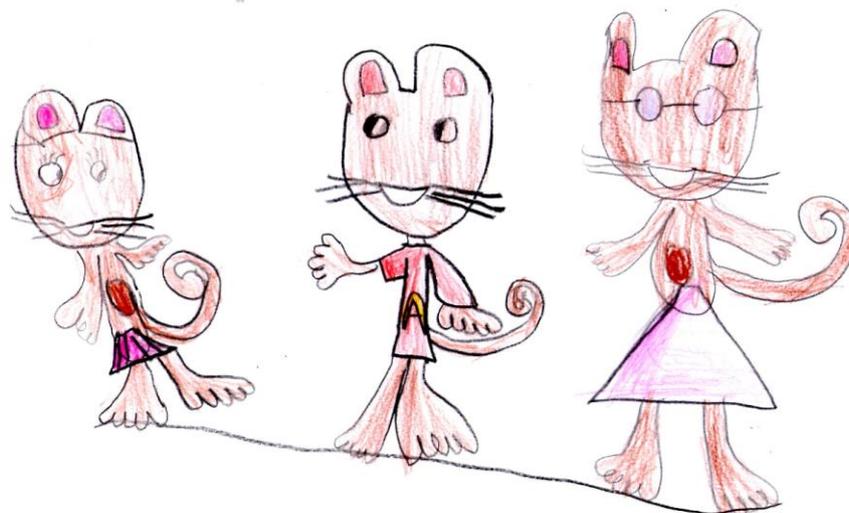
Idade da criança 6 anos (Desenho do filme O Rio)



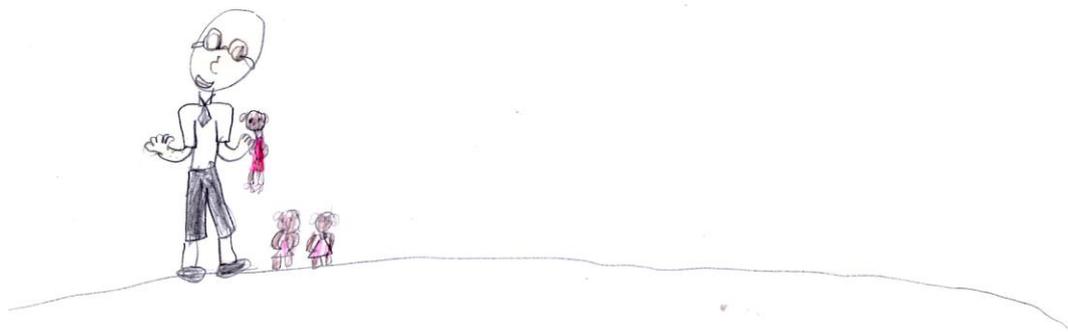
Idade da criança 5 anos (Desenho Bob Esponja)



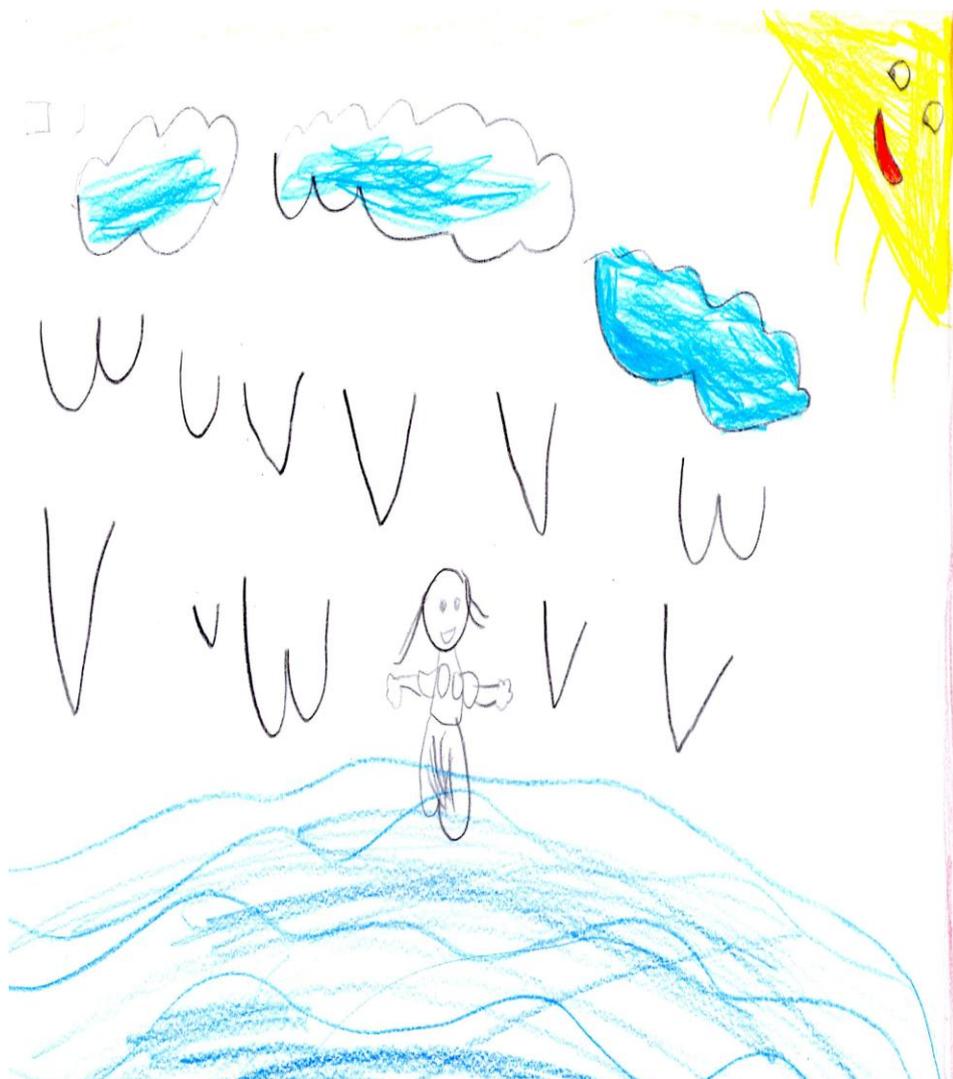
Idade da criança 6 anos (Desenho do filme Mulan)



Idade da criança 6 anos (Desenho do filme Alvin e os Esquilos Esquiletes)



Idade da criança 6 anos (Desenho do filme do Alvin e os Esquilos)



Idade da criança 6 anos (Desenho do filme Isadora – A Pequena Sereia)



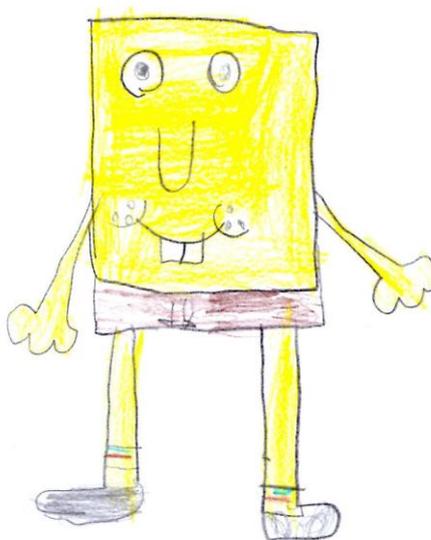
Idade da criança 5 anos (Desenho Marta Fala)



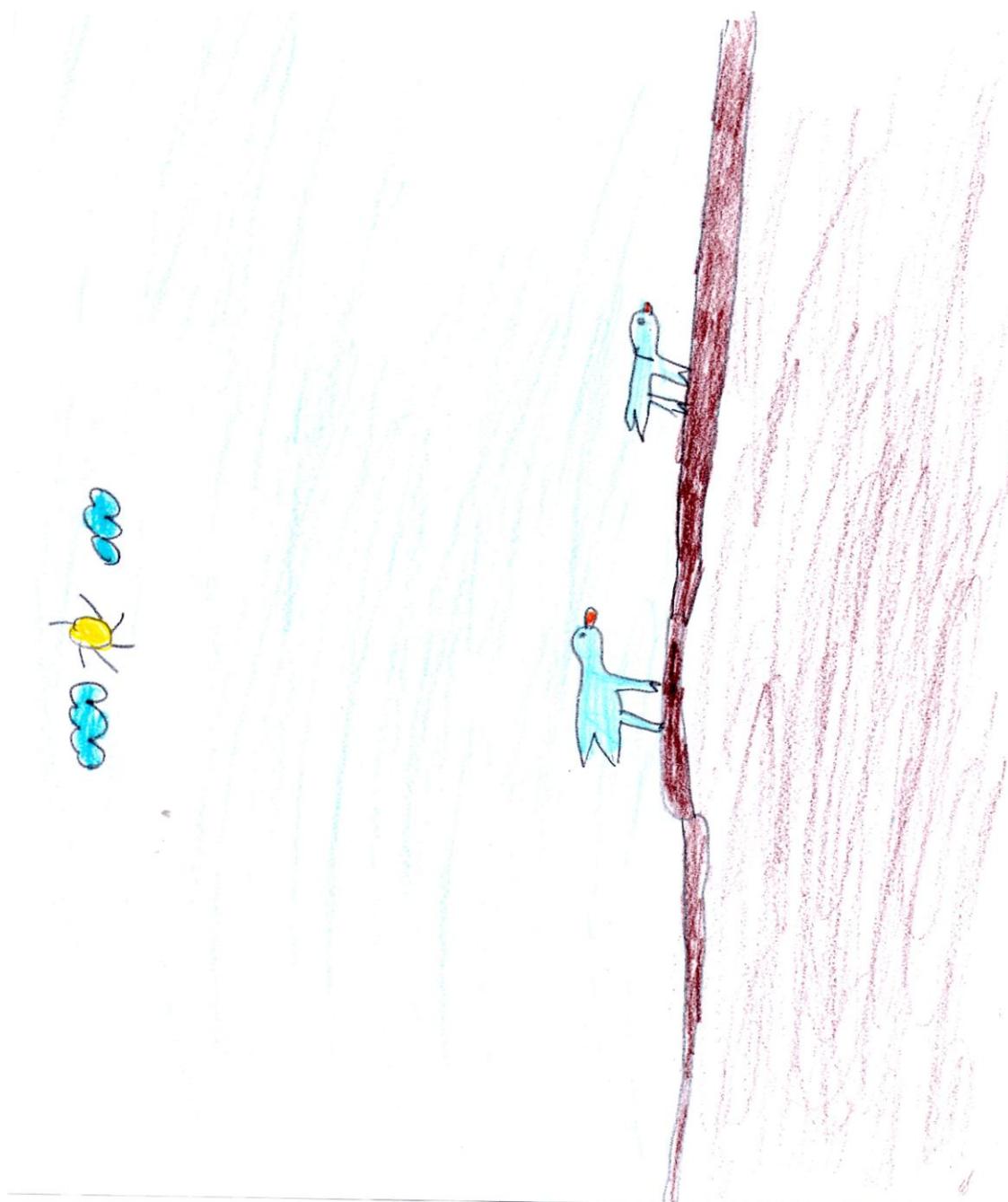
Idade da criança 6 anos (Desenho filme Mulan)



Idade da criança 7 anos (Desenho do filme Anaconda)



Idade da criança 5 anos (Desenho Bob Esponja)



Idade da criança 7 anos (Desenho do filme A Dama e o Vagabundo)

A Percepção das Professoras e das Coordenadoras

Foram entrevistadas uma professora da turma matutino do 1º ano do ensino fundamental e a coordenadora do colégio particular. Para melhor compreensão irei classificar as entrevistas com siglas como: Colégio Professora (CP1) e Colégio a Coordenadora (CC1)

Na escola pública foi entrevistada a professora do 2º ano do ensino fundamental e a coordenadora Será renomeada com siglas: Escola pública Professora (EP2) e a Coordenadora Escola pública (CEP2).

Tabela 11 - Todas são do gênero feminino. A tabela mostra a formação acadêmica das educadoras; bem como as experiências em sala de aula com as séries iniciais. CP1, CC1 e EP2, são graduadas em pedagogia, a CP1 tem especialização em Educação Infantil. CC1 tem especialização em Supervisão Escolar e a CEP2 é formada em História da arte com habilitação para séries iniciais.

Entre a CC1 e a CEP2 uma já exerceu a função de professora e a outra não. Nas entrevistas, a CEP2 que já exerceu a função de professora achou relevante esse tema e mostrou uma preocupação quanto à importância de orientar os alunos a respeito dos programas que assistem. A CC1 que não exerceu essa função, não vê como esse tema possa contribuir para a escola.

Tabela 11 - Aspectos da formação acadêmica e experiência profissional das professoras/coordenadoras

Indicador	Escola Particular		Escola Pública	
	Professora	Coordenadora	Professora	Coordenadora
Tempo aproximado de magistério (em anos)	9 anos	26 anos	18 anos	22 anos
Tempo aproximado de magistério em séries iniciais (em anos)	9 anos	0	13 anos	5 anos
Curso de graduação				
Pedagogia	X		X	
Letras português e inglês		X		
História da arte com habilitação para séries iniciais				X
Pós-graduação				
Especialização em educação infantil	X			
Especialização em supervisão escolar		X		

Tabela – 12. Mostra que a CP1, EP2 gostava muito de ver desenho animado na infância. Somente a CC1 gostava um pouco. A única exceção foi a CEP2 que não tinha televisão no seu tempo de criança.

Quando eram crianças todas assistiam os desenhos da época, CP1 Caverna do Dragão, He-Man, alguns estão de volta como o filme Smurfs, os desenhos da Disney, EP2 Thundercats e He-Mam, CC1 Mickey Mouse e o Pica-Pau que continua ainda atual e a CEP2 não tinha televisão. Todas possuem TV por assinatura.

A CP1 gosta de assistir desenho animado, filme seriados policiais, a EP2 desenho animado, filme e notícias. Quanto à preferência: CP1 escolheu seriados policiais e a EP2 desenhos animados. Já a CC1 assiste filme e notícia e a CEP2 notícia e documentários, Entre as preferências, a CC1 por filme e a CEP2 por documentário.

A frequência que os educadores assistem televisão foi diversificada: a CP1 vê todos os dias, a EP2 aos finais de semana; a CC1 de vez em quando e a CEP2 alguns dias da semana.

Aponta que todas as educadoras assistem desenho animado: a CP1 desenhos da Disney, CC1 Bob Esponja, a Ep2 Padrinhos Mágicos, Pinguins de Madagascar, Garfield e todos que estão em cartaz no cinema e a CEP2 Bob Esponja e Pantera Cor de Rosa.

Mostra que só a CP1 não tem filhos, a EP2 tem na idade das séries iniciais, 8 e 10 anos, a CC1 tem filho com idade acima de 24 anos e a CEP2 tem 3 filhos, nas idades, de 14, 28 e 31. Os filhos das educadoras assistiam e ainda assistem desenhos animados, a CP1 ainda não tem filho, a CC1 Pica-Pau, Mickey Mouse e Tom Jerry, a EP2 os desenhos da Disney e a CEP2 Smurfs e o Pica-Pau. Destaque que o Pica-Pau continua na lista das crianças.

Tabela 12 - As professoras/coordenadoras, a TV e os desenhos animados

Indicador	Escola Particular		Escola Pública	
	Professora	Coordenadora	Professora	Coordenadora
Quando criança gostava de assistir desenhos animados?				
Gostava muito	X		X	
Gostava um pouco		X		
Não gostava				
Não tinha TV em casa				X
Que desenhos animados gosta de assistir?				
Caverna do dragão	X			
Os Smurfs	X			
He-man	X		X	
Desenhos da Disney	X			
Pica-Pau		X		
Mickey Mouse		X		
Thundercats				
Possui TV por assinatura atualmente?	Sim	Sim	Sim	Sim
Que tipo de programas costuma assistir e qual deles preferem?				
Desenho animado			Preferido	
Filmes e seriados	Preferido	Preferido	X	
Novelas				
Noticiários		X	X	X
Outros (documentários, etc.)				Preferido
Com que frequência assiste TV atualmente?				
Todos os dias	X			
Alguns dias na semana				X
Aos finais de semana			X	
De vez em quando		X		
Que desenhos animados ainda assiste?				
Desenhos da Disney	X			
Bob Esponja		X		X
Padrinhos Mágicos			X	
Pinguins de Madagascar			X	
Garfield			X	
Pantera Cor de Rosa				X
Todos que estão em cartaz nos cinemas			X	
Idade dos filhos (em anos)	Não possui	24 anos	8/10 anos	14/28/31 anos
O que os filhos pequenos gostam/gostavam de assistir na televisão animados ainda assiste?				
Pica-Pau		X		X
Mickey Mouse		X		
Tom e Jerry		X		
Desenhos da Disney			X	
Os Smurfs				X

No quadro 5 – Resultados do Desenho Bob Esponja, o episódio Precisa de um Ajudante. A escola particular; indicam que a CP1 e a CC1 conhecem o episódio, têm ciência que os alunos conhecem mencionando o nome dos personagens e acham adequados para a idade das crianças. As respostas das educadoras a respeito do desenho animado foram superficiais, a impressões do desenho CP1 respondeu que um programa sem valor educacional, CC1 sem contexto educativo. O que acharam do enredo do episódio, CP1 sem contexto que inclua valores e a CC1 improdutivo.

O que achou dos personagens a CP1 são pobres de conteúdo e a CC1 não respondeu. Os efeitos que as educadoras percebem a CP1 não transmitem valor algum e a CC1 é básico para entreter. A escola não utiliza programas em suas atividades regulares e não utilizaria esse desenho.

É fundamental que os educadores busquem informações com o intuito de levar o aluno a refletir sobre os conteúdos emitidos pelos meios de comunicação. A criança ao chegar à escola traz uma grande bagagem contendo muitas horas de TV. É importante educar telespectadores críticos, conscientes.

Na escola pública a EP2 não conhece o desenho, mais sabe que os alunos conhecem a CEP2 sabe e tem conhecimento que os alunos conhecem pelos comentários das crianças. As impressões do episódio pela EP2 são interessantes, pois se trata persistência de vencer os obstáculos, a CEP2 é divertida suas mensagens não têm maldade é ingênuo. As duas educadoras acham adequadas para a idade.

A EP2 achou do enredo do episódio motivador para buscar objetivos e a CEP2 divertido prende a atenção da criança e propõem para o Bob Esponja uma tarefa absurda achando que ele não é capaz de cumprir.

As opiniões das educadoras sobre os personagens, a EP2 que cada um desempenha seus papéis, mas não servem de modelo e a CEP2 existem verdadeiros amigos que estão prontos para te ajudar e existem pessoas que regozijam com o sofrimento alheio.

Percebem os efeitos que o episódio pode transmitir para as crianças, para a EP2 observar que toda situação tem pontos positivos e negativos, que a família é a verdadeira transmissora de valores, a CEP2 o valor da amizade do Bob Esponja com Patrick, anti-valores mostrando que as pessoas são incapazes de conquistar os seus objetivos, como nas atitudes do Sr Sir Queijo e do Lula Molusco.

A escola utiliza programas de televisão, filme, desenho animado conforme o tema a ser trabalhado na sala de aula e com o propósito de conduzir a motivação e discussões com os alunos e para facilitar o aprendizado das crianças.

Há concepções diversas nas respostas das educadoras da escola particular e da pública. As educadoras da escola pública veem a importância de trabalhar o programa como parte das

atividades regulares com os alunos, desde que mostrem a realidade que existe que na vida tem pessoas prontas para ajudar e outras para complicar. Já na particular acreditam não ser relevante utilizar esses programas em suas atividades regulares, para trazer momentos de reflexão com os alunos. A compreensão que tem sobre os programas é basicamente para entreter, não transmite nenhum valor e não vê a possibilidade a partir dos desenhos animados serem utilizados para ensinar.

A escola pública pelas respostas das educadoras aponta a preocupação de discutir com os alunos sobre os programas, para levá-los a refletir.

Com os desenhos animados os educadores têm oportunidade de ensinar, com esse episódio do Bob Esponja, a professora da escola pública vê que pode trabalhar com os alunos, ensinando a enfrentar as dificuldades e os obstáculos nas atividades diárias, a supervisora compreende que na sala de aula pode conversar com os alunos, mostrando as questões que existem, pessoas prontas para ajudar e outras para dificultar a sua conquista.

Quadro 5 - Avaliação do episódio de Bob Esponja (PRECISA-SE DE UM AJUDANTE) pelas professoras/coordenadoras

Indicador	Escola Particular		Escola Pública	
	Professora	Coordenadora	Professora	Coordenadora
Já conhecia o desenho animado	Sim	Sim	Não	Sim
Sabe se os seus alunos conhecem esse desenho? Eles mencionam o desenho na escola?	Sim	Sim	Sim	Sim
Que IMPRESSÃO o desenho lhe causou?	Um programa sem valor educativo.	Sem contexto educativo.	É interessante, pois trata de persistência e vencer obstáculos.	Divertido. As mensagens não têm maldade. É ingênuo.
Acha-o adequado à FAIXA ETÁRIA de seus alunos)?	Sim	Sim	Sim	Sim
O que achou do ENREDO do episódio?	Sem contexto que inclua valores.	Improdutivo.	Motivador para busca de objetivos.	Divertido, prende a atenção da criança e propõe para o Bob Esponja uma tarefa absurda achando que ele não é capaz de cumprir.
O que achou dos PERSONAGENS?	Os personagens são pobres de conteúdo.	...	São personagens/modelos para serem observados e não copiados. Desempenham papéis.	Bob Esponja ele representa o universo infantil, ingênuo, o Patrick é companheiro do Bob Esponja ele reconhece que o amigo é atrapalhado mais dá força para arrumar um trabalho. Siri Queijo e Lula Molusco são sádicos, dando uma tarefa difícil achando que era impossível de cumpri-la, mas teve que dá o emprego á Bob Esponja por ter comprida a tarefa.
Que EFEITO acha que esse programa/episódio tem sobre as crianças?	Sem contexto que inclua valores.	É basicamente para entreter.	Toda situação traz pontos positivos e negativos. Depende do enfoque dado pela família, verdadeira transmissora de valores.	O valor da amizade que mostrado pelo Pratrck e o Bob Esponja e o antivalores achando que as pessoas são incapazes mostrados pelas atitudes do Siri Cascudo e do Lula Molusco.
Sua escola utiliza programas de TV nas atividades regulares?	Não	Não	Sim. Na condução, motivação, discussão e conclusão de assuntos trabalhados.	Sim. Os professores utilizam programas de televisão em suas atividades regulares, quando estão ensinando um determinado tema, para facilitar o aprendizado das crianças.
Acha que esse episódio poderia ser utilizado nas atividades regulares da escola?	Não	Não	Sim. Para analisar sobre a ação de cada um, como enfrentam as dificuldades os desejos, os sonhos e os obstáculos nas atividades diárias.	Sim, utilizaria como parte das atividades regulares sendo mostradas as questões que existem na vida real, como: que existem pessoas prontas para ajudar e outras para dificulta a sua conquista.

No quadro 6 - Resultado da série I Carly, o episódio O Quarto Novo. A escola particular, a CP1 e a CC1 conhecem o episódio, sabem que os seus alunos conhecem, mencionando os nomes dos personagens. As impressões para a CP1 é um programa voltado para pré-adolescente, sendo que não acrescenta em nada na educação destes e a CC1 sem valor educativo. As duas não acham adequado para a idade de aproximadamente 7 anos.

A CP1 vê enredo do episódio sem contexto educativo, e a CC1 pouco instrutivo. Para a CP1 os personagens são forçados, já batidos, ou seja, repetitivos, a CC1 sem autenticidades. Os efeitos que as duas educadoras CP1 e a CC1 veem o episódio, que o programa é simplesmente para diversão. A escola não utiliza programa e nem utilizaria como parte das atividades regulares.

A percepção das educadoras da escola pública em relação ao episódio, a EP2 conhece o seriado, mas não conhecia o episódio, a CEP2 só ouviu falar. A EP2 tem conhecimento que os alunos conhecem, mas não faz nenhum comentário relevante, a CEP2 os alunos fazem comentários no recreio. As impressões sobre o episódio, a EP2 traz questões importantes para uma reflexão, para a CEP2 é dinâmico, ativo e atrai a criança. O episódio para a EP2 não é adequado a “censura”, indicação na tarja é para 10 anos, a CEP2 não é adequado para a idade dos seus alunos.

O enredo do episódio para a EP2 vê a importância de trabalhar o episódio sobre o incêndio com os alunos; para a CEP2 o enredo valoriza o consumismo, acredita que não deva reforçar essas atitudes. As avaliações das educadoras sobre os personagens a EP2 são personagens “modelos” para serem observados e não “copiados”, que cada um desempenha seus papéis e a CEP2 vivem sem responsabilidade, a vida é feita de responsabilidade e parece que não tem família para corrigir.

Compreendem os efeitos do programa sobre os alunos; para EP2 toda situação tem pontos positivos e negativos, dependem do enfoque observados pela família é a verdadeira transmissora de valores; para CEP2 os alunos podem questionar as regras e não querer cumpri-las e querer trazer o episódio para vida real.

A escola utiliza programas de televisão, filme, desenho animado conforme o tema a ser trabalhado na sala de aula e com o propósito de conduzir a motivação e discussões com os alunos. A EP2 não utilizaria esse programa como parte das atividades regulares com os alunos, por não achar adequado para a sua idade, a CEP2 não utilizaria o programa como entretenimento, mas desde que sejam abordados os valores corretos.

Com os desenhos animados os educadores tem oportunidade de ensinar a o aluno a partir de algo que faz parte da sua vivência. Nesse episódio da série da I Carly, a professora da escola pública vê a importância de trazer reflexões sobre incêndio, e a supervisora vê a importância de discutir sobre o consumismo.

Quadro 6 - Avaliação do episódio de I-Carly (O QUARTO NOVO) pelas professoras/coordenadoras

Indicador	Escola Particular		Escola Pública	
	Professora	Coordenadora	Professora	Coordenadora
desenho animado	Sim	Sim	Sim, mas não este episódio.	Só de ouvir as crianças falarem.
Os alunos gostam do desenho? Eles gostam do desenho na escola?	Sim	Sim	Alguns, sim.	Sim
Qual o objetivo do desenho (temático)?	É um programa voltado para pré-adolescentes, sendo que não acrescenta e nem nada na educação deles.	Sem valor educativo.	O episódio traz questões importantes para uma reflexão.	O episódio apresentado é dinâmico, interessante para a criança.
É adequado à FAIXA ETÁRIA (idade)?	Não	Não	A censura indicada na tampa é para 10 anos.	Não é adequado para essa faixa etária e para adolescentes.
Qual o ENREDO do episódio?	Sem contexto educativo.	Pouco instrutivo.	Incêndio é sempre um assunto que merece atenção.	O enredo da história mostrou o valor do consumismo e o ter cada vez mais. A isto não é indicado reforçar.
Os personagens são interessantes?	São forçados, já batidos, ou seja, repetitivos.	Sem autenticidades.	São personagens/modelos para serem observados e não copiados. Desempenham papéis.	O que eu achei dos personagens, foi Spencer o irmão da personagem principal. Percebi que o Spencer leva a vida como fosse festa, sem responsabilidade, e dessa forma é feita de responsabilidades as personagens da mesma forma vivem que não tem família para corrigir.
Qual a mensagem que esse episódio tem sobre as crianças?	É um programa basicamente para entreter.	É um programa para entreter.	Toda situação traz pontos positivos e/ou negativos. Depende do enfoque observado pela família, verdadeira transmissora de valores.	Pode levá-los a questionar as regras que querem trazer isso para vida real delas.
Utiliza programas educativos regulares?	Não	Não	Sim, na condução, motivação, discussão e conclusão de assuntos tratados.	Sim. Os professores utilizam programas de televisão em suas atividades regulares e estão ensinando um determinado tema para facilitar o aprendizado das crianças.
Este episódio poderia ser usado nas atividades escolares?	Não	Não	Não. Trabalho com alunos de, no máximo, 8 anos e, como disse, esse episódio é indicado para 10 anos.	Sim. Esse programa pode ser apresentado como parte das atividades regulares, desde que abordados os valores corretos, não apenas como entretenimento.

CONCLUSÃO

Os prejuízos que a teledependência provoca nos alunos revelam que toda criança precisa de proteção familiar, sendo fundamental para o seu desenvolvimento manter-los orientados em relação o que passa na TV. O excesso de televisão causa dependência e coopera para o afastamento da convivência familiar. O papel do educador surge como possibilidade de mudança. O educador pode sugerir e até mesmo recomendar programações, bem como ajudar na escolha da diversão que seja produtiva para o seu crescimento, uma vez que as crianças ainda não sabem discernir claramente, o certo e o errado.

O impacto da imagem que traz aos telespectadores por determinado programas através da televisão, deve ser evitado, principalmente na vida do aluno. Nas respostas dos alunos, quando diz que não vejo filme de terror porque tenho medo e faço xixi nas calças, mostra com precisão o choque que essas imagens causam nas crianças. Encontramos mensagens em qualquer lugar da cidade, ela transmite valores, cultura e costumes e entre outras, conforme COELHO (2007) nas teorias de McALUHAN.

A importância de ensinar desde pequenos, na infância que é a primeira fase da vida, como vê televisão, a serem críticos aos desenhos que assisti. O conceito de infância é construída ao longo do tempo, conforme KOHAN (2010). É essencial que a escola tenha um cuidado especial com os alunos da educação infantil. Assim, educar a criança desde cedo, acredito que seja o caminho mais inabalável, KOHAN (2004).

Que escola venha proporcionar aos alunos momentos de brincadeiras, de fantasia, de imaginação e a partir do brincar a criança venha libertar dos seus gigantes e seus medos, conforme BENJAMIN (2002).

Nos desenhos animados a criança aprende, é educativo, de fato o universo de Patinhas mostra como somos alienados, em relação ao trabalho, a nossa vida, infelizmente a escola contribui para continuarmos alienados. As gravuras que são apresentadas nos livros didáticos fazem cada vez mais reforçar esses comportamentos, para ser conformista e aceitarmos ser manipulados pela classe dominante. A palavra pode-se perder, mas a imagem que os livros mostram como se fosse real e verdadeiro, fica gravado nas mentes dos alunos, conforme MARTINS (1977) e NOSELLA (1979).

A escola necessita ter uma Educação da Sensibilidade do Olhar, a ensinar os alunos a serem críticos as imagens que veem, MAIA (2008). Os conteúdos das mensagens transmitidas na

televisão, no cinema e nos livros didáticos merecem uma atenção especial pelos educadores, principalmente aos alunos que estão em fase de formação dos valores básicos. Mostra as imagens totalmente fora da realidade, à criança cresce, acreditando como se fosse real. É fundamental educar a partir da infância, mostrando a realidade sobre o teor dessas mensagens, para não serem manipulados.

Os alunos são atraídos pelos personagens dos desenhos animados, de alguma forma irá desejar imitá-los. Os educadores precisam está atento o que passa na televisão, esse entretenimento que propicia momentos de lazer aos alunos, pode está ensinando valores que não estejam de acordo com valores familiares, FUSARI (1985, P. 133). A criança é um ser que está na fase do desenvolvimento, não podemos esquecer que todo produto traz os traços de quem o fabricou, pode trazer para esse indivíduo prejuízos na sua formação, COELHO (2007).

CONSIDERAÇÕES PESSOAIS

Como futura educadora tenho várias inquietações, uma delas é como a escola trabalha com os alunos os desenhos animados infantis e como a lida com esse assunto que faz parte da vida deles. Como praticamente existem poucos estudos no Brasil sobre a relação desenho animado, aluno e a escola. Vejo o quanto é fundamental os educadores educar telespectadores críticos em relação aos desenhos que assisti.

Minha vivência escolar contribuiu na busca desse tema. Pude perceber que alguns alunos, em determinados momentos de descontração na sala de aula, mudavam de comportamento devido à influência de algumas programações infantis. Em princípio, a transformação dos amiguinhos refletia na forma indireta de incitar a violência, usando o poder dos super-heróis, que era moda naquela época. Posteriormente, quando tentavam imitar algumas partes do desenho, confesso que ficava intrigada, pois percebia que eram presas fáceis. Como se deixavam levar pela imaginação! Algo que faz parte do seu mundo de fantasia.

Compreendi a relevância desse tema, fez-me refletir no que poderia mudar no futuro como educadora. Quando me tornei mãe, absorvi um olhar mais crítico diante da tela da televisão. Optei por controlar a programação, o que minha filha iria assistir, para que não passasse pelas mesmas circunstâncias ocorridas em minha experiência estudantil. Como mãe, compreendia a necessidade de acompanhar minha filha principalmente com relação à grade da programação da TV, especialmente os programas não qualificados pela censura. Comecei a acompanhá-la para que verdadeiramente pudesse conhecer e descobrir o que iria exercer influência no seu comportamento e, também, verificar se as mensagens que eram transmitidas estavam de acordo com os valores em que eu acredito são imutáveis.

A preocupação crescia cada vez mais, sobretudo quando minha filha iniciou suas atividades escolares, tanto na Educação Infantil como nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Além do mais, a forma em que eram apresentados os desenhos e os filmes infantis era como se fosse uma sessão de cinema. Isto é, não existia uma política de informação quanto ao contexto dos filmes.

Ao ir a campo para pesquisar sobre esse universo nas escolas e compreender como funciona, lamentavelmente, não foi uma tarefa fácil, recebi várias não. Com persistência e indo constantemente as instituições consegui ser atendida para realizar a pesquisa.

Ao entrevistar a coordenação da escola particular, pude compreender que a mesma não ver como esse tema possa contribuir para o aprendizado dos alunos. Não tem como fechar os olhos e

não perceber que faz parte do cotidiano do aluno, ao conversar com as crianças sobre o que assisti na televisão, suas preferências e ter a oportunidade de narrar os seus desenhos, confesso que fiquei impressionada e apaixonada com tanta riqueza de detalhes que me relatavam sobre os seus desenhos.

Algumas crianças tímidas e outras não, mais isso é compreensiva em virtude delas conversarem com alguém que é praticamente desconhecida, mas isso não foi obstáculo para compartilhar as suas atividades que fazem fora da escola. Trouxe-me uma percepção diferente em relação ao aluno, como é o seu cotidiano, me senti privilegiada em compreender um pouco do seu cotidiano, aprendi muito com os pequenos.

Percebi que naquela sala entrevistando-as estava contribuindo no seu aprendizado, ao relatar os desenhos, estava trabalhando a linguagem, a criatividade, a imaginação, as representações mentais e coordenação motora expressando no papel o desenho que mais gostam.

Porém ao entrevistar as educadoras da escola particular fiquei incomodada, preocupada ao ver que algo que faz parte da vida do aluno, a maneira que conduziram as suas respostas sobre os programas que os alunos assistem sendo somente um entretenimento para diverti-los, não percebem as implicações que pode trazer para as crianças determinado programa e não ver a importância de discutir com eles a realidade e levá-los a desde pequenos a apreender assistir televisão.

Na escola pública as educadoras mostraram uma preocupação de trabalhar os desenhos e filmes com as crianças, desde que traga uma reflexão sobre os programas para levá-los a refletir.

Que esse estudo possa levar o educador a utilizar melhor tais programas como um instrumento em sua prática pedagógica. Que eles possam compreender e aplicá-los de maneira crítica e construtiva em sala de aula, de forma a contribuir na formação dos seus alunos.

Vejo o quanto o educador pode ensinar os alunos a partir dos desenhos animados, a linguagem, narrando os desenhos, na criatividade, na imaginação dando oportunidade de criar outro final para os personagens, alfabetizando com cada letra do alfabeto um nome de um desenho. Por exemplo: “A” A Pequena Sereia, “B” Backyardigans. Buscando trabalhar com a criança a partir da sua convivência e da sua realidade.

Os desenhos animados podem ser utilizados como uma excelente ferramenta didática, já que, por meio deles, a criança recebe uma gama variada de instrução. Podendo chegar aos quatro cantos do mundo, em segundos, por conta da tecnologia evoluída da TV digital por satélite. Os

alunos poderão estar inseridos na cultura de acordo com a forma como percebem o mundo e seus valores.

Atualmente vejo que é imprescindível que os educadores tenham cuidado na seleção dos programas de televisão, empregados como fins teóricos e o tipo de mensagem que se deseja passar. Acredito que esses deveriam informar o objetivo e o enfoque da mensagem transmitida.

É essencial que a escola complete este vazio na vida do aluno e que ajude as famílias a recuperarem os valores que estão se perdendo. Eu sei que muitas vezes atribuímos muitas obrigações à escola, mas se analisarmos, profundamente, uma das grandes oportunidades que os alunos têm de transformação em suas vidas acontece durante aquele pequeno momento que passam na escola. Há uma grande diferença quando se consegue educar e cuidar com amor. É um passo fundamental para garantir a conquista de uma vida adulta equilibrada e madura.

III PARTE
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao longo da minha trajetória estudantil, sempre desejei ser uma educadora, que fizesse toda a diferença na vida do aluno. Vejo este sonho sendo concretizado, sinto-me realizada.

Pretendo futuramente ingressar em uma escola pública, de preferência ensinar na educação infantil. Acredito que desde cedo poderei plantar uma boa semente nessa terra fértil. Entretanto pela minha atual realidade, de imediato, irei lecionar em escola particular.

Pretendo fazer parte do projeto de uma igreja (da qual sou membro) na criação de uma escola, que será construída no bairro de Cabuis, Nilópolis-RJ. Hoje se encontra com problemas sociais e econômicos. Desejo ardentemente contribuir para o crescimento e sucesso dessa escola.

Continuarei crescendo e me aperfeiçoando. Pretendo fazer uma especialização em psicopedagogia, dar continuidade aos cursos de inglês, Libras e teologia. Não sei se todas essas pretensões se realizarão na ordem prevista, mas tenho convicção que irei lutar para conquistá-las.

Diante de tantos desafios que sei que me aguardam como futura educadora, quero propiciar aos meus alunos o saber da reflexão, do conhecimento crítico, da consciência, para que possam desenvolver a sensibilidade e se transformarem em provocadores e lutadores por um espaço de ação como telespectadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta, 2011. 188p.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões Sobre A Criança, O Brinquedo E A Educação**. 34. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002. 102 p.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 97 p.

DUARTE Rodrigo Duarte. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora, UF MG, 2003. p. 218. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100.512X2004000100010> acesso em: 23.09.2011

ERAUSQUIN, M, Alfonso. et al. **Os Teledependentes**. Tradução: Luiz Roberto S. S. Malta. São Paulo: Summus, 1983. 148 p.

FUSARI, Maria Felisminda De Rezende. **O Educador E O Desenho Animado Que A Criança Vê Na Televisão**. São Paulo: Loyola, 1985. 154 p.

GIL, Antonio, Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2008. 196 p.

KOHAN, Walter, Omar. et al. **Devir.criança da filosofia: Infância da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 55.60, 109.153. p.

KOHAN, Walter, Omar. et al. **Lugares da Infância: Filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 51.67 p.

MAIA, Tadeu, Queiroz, **Sobre filmes infantis e Linguagem audiovisual: O caso d'O Rei Leão**. 2008. 130 f. (Dissertação de Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, <http://www.repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/6251/1/2008_TadeuQueirozMaia_org.pdf> acesso em: 20/04/2011.

MARQUES, Angelica, Alves da Cunha & MARQUES, Otacilio, Guedes. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari, 4. Ed. São Paulo. Cultrix, 1974. 21.94. p. Disponível em: <<http://www.Cid.unb.br/publico//setores/.../resumo%20ampliado%20E.pdf>> acesso em: 22/08/2011.

MARTINS, José, de Souza. **Sobre o Modo Capitalista de Pensar**. São Paulo: HUCITEC, 1980. 317 p.

NOSELLA, Maria de Lourdes, Chagas Deiró. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Cortez, & Moraes, 1979. 217 p.

PAULO, Marcos. **Sobre o Modo Capitalista de Pensar: Tio Patinhas no Centro do Universo:**

MARTINS, José de Souza. 5, de setembro. de 2009. Disponível em: <<http://desenvolvimentoemquestao.blogspot.com/2009/09/sobre.o.modo.capitalista.de.pensartio.html>> acesso em: 19/10/2011.

PANIAGUA, Gema, PALACIOS, Jesús. **Educação infantil: Resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 253 p.

PROVÉRBIOS. Português. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 814.815. *Bíblia da Mulher*. A. T.

SILVA, Hugo, L. F. da. *Indústria Cultural E Educação Infantil: O Papel da Televisão*, v. 5, n. 2, dezembro. 2003. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia_cultural.html > acesso em: 20/08/2011.

TEIXEIRA, Inês, Assunção de Castro. et alli. **A Infância vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 07.35, 75.87.

VALENCIANO, Tiago. **Tio Patinhas no centro do universo**. 13, julho. 2007. Disponível em: <<http://www.tiagovalenciano.wordpress.com>> acesso em: 19/10/2011.

VIANA, Nildo. Reflexões sobre a indústria cultural. V. 2, n. 3, 2004. Disponível em: <<http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%2010%20.%20Esclarecimento%20e%20Industria%20Cultural.pdf>> acesso em: 22/09/2011.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3º tiragem da 2º Ed. São Paulo: Martins Fonte, 2000, 194p.

VIGOTSKI, L. S. **A formação da mente**. 5º tiragem da 6º Ed. São Paulo: Martins Fonte, 1998, 191p.

VOLPATO, Gilto. **Jogo E Brinquedo: Reflexões A Partir da Teoria Crítica**. Educação Social, Campinas, v. 23, n 81, 217.226, p. dezembro. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em: 15/08/2011.

Disponível em: <<http://pt.br.icarly.wikia.com/wiki/4%C2%AA4Temporada>> acesso em: 23/10/2011.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Icarly>> acesso em: 23/10/2011.

Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/ICarly_\(4%C2%AA%20temporada\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/ICarly_(4%C2%AA%20temporada))> acesso em: 23/10/2011.

ANEXO 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

Entrevista sobre TV-Desenho Animado preferido da criança

Escola:

particular

pública

Sexo da criança:

feminino

masculino

Quantos anos você tem? _____ anos

Você mora numa casa ou num apartamento?

casa

apartamento

Quem mora com você?

papai

mamãe

irmãos/irmãs. Quantos? _____

vovô

vovó

outros parentes

empregada

padrasto

madrasta

Qual é o trabalho de sua mãe (profissão)? _____

Escolaridade da mãe segundo o cadastro escolar: _____

E o seu pai, qual é o trabalho dele (profissão)? _____

Escolaridade do pai segundo o cadastro escolar: _____

O que você faz na sua casa antes de ir e depois que volta da escola?

MANHÃ	TARDE	NOITE
<input type="checkbox"/> brinco. Onde? <input type="checkbox"/> em casa <input type="checkbox"/> na rua <input type="checkbox"/> no parquinho <input type="checkbox"/> noutro lugar) <input type="checkbox"/> vejo televisão <input type="checkbox"/> como (lanche, etc) <input type="checkbox"/> faço o dever de casa <input type="checkbox"/> tomo banho <input type="checkbox"/> durmo <input type="checkbox"/> ajudo a mamãe <input type="checkbox"/> desenho/pinto <input type="checkbox"/> saiu para passear <input type="checkbox"/> vejo revistinha <input type="checkbox"/> outro: _____	<input type="checkbox"/> em casa <input type="checkbox"/> na rua <input type="checkbox"/> no parquinho <input type="checkbox"/> noutro lugar) <input type="checkbox"/> vejo televisão <input type="checkbox"/> como (lanche, etc) <input type="checkbox"/> faço o dever de casa <input type="checkbox"/> tomo banho <input type="checkbox"/> durmo <input type="checkbox"/> ajudo a mamãe <input type="checkbox"/> desenho/pinto <input type="checkbox"/> saiu para passear <input type="checkbox"/> vejo revistinha <input type="checkbox"/> outro: _____	<input type="checkbox"/> em casa <input type="checkbox"/> na rua <input type="checkbox"/> no parquinho <input type="checkbox"/> noutro lugar) <input type="checkbox"/> vejo televisão <input type="checkbox"/> como (lanche, etc) <input type="checkbox"/> faço o dever de casa <input type="checkbox"/> tomo banho <input type="checkbox"/> durmo <input type="checkbox"/> ajudo a mamãe <input type="checkbox"/> desenho/pinto <input type="checkbox"/> saiu para passear <input type="checkbox"/> vejo revistinha <input type="checkbox"/> outro: _____

Dessas coisas que você faz antes e depois de ir para a escola, o que você mais gosta de fazer?

Na sua casa tem televisão?

não sim. Quantas? _____

Onde fica(m) a(s) televisão (ores) da sua casa?

na sala

no quarto

na cozinha

noutro lugar: _____

Tem televisão no seu quarto?

não sim.

A televisão da sua casa tem “Discovery kids”, “Nick”, “Cartoon” ou “Disney Channel”? (a pergunta visa saber se possui TV a cabo)

não sim não sei

O que você fica vendo na televisão?

MANHÃ	TARDE	NOITE
<input type="checkbox"/> desenho animado	<input type="checkbox"/> desenho animado	<input type="checkbox"/> desenho animado
<input type="checkbox"/> filme	<input type="checkbox"/> filme	<input type="checkbox"/> filme
<input type="checkbox"/> novela	<input type="checkbox"/> novela	<input type="checkbox"/> novela
<input type="checkbox"/> jornal/notícias	<input type="checkbox"/> jornal/notícias	<input type="checkbox"/> jornal/notícias
<input type="checkbox"/> outro. Qual? _____	<input type="checkbox"/> outro. Qual? _____	<input type="checkbox"/> outro. Qual? _____

Desses programas que você fica vendo na televisão, quais deles você mais gosta de ver? [Ter em mãos, aqui, a lista de Desenhos Animados por Canais, de sorte a poder oferecer à criança essas alternativas, caso ela NÃO se lembre dos nomes dos desenhos animados ESPONTANEAMENTE]

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

Desses programas (citados pela criança), qual deles você gosta mais? Qual você mais gosta de assistir?

A que horas ele passa? Antes ou depois da escola?

manhã

tarde

noite

Como é esse programa (como é a historinha dele)? O que você mais gosta nele (personagem)? Por que você gosta dele (personagem?)

Quem assiste a esse programa com você? Você vê sozinho ou mais gente da sua casa vê com você?

papai

mamãe

irmãos/irmãs.

vovô

vovó

outros parentes

empregada

amigos (as)

sozinho (a)

O seu papai, mamãe ou outra pessoa da sua casa fala para você NÃO assistir algum programa? Qual (is) programa(s) ele(s) falam para você não ver (que é programa de adulto e não para criança)?

Qual é o programa que você não gosta de ver na televisão? Por que você não gosta de ver esse programa?

Na sua escola tem televisão, e passa desenho animado?

não

sim. Diga um que você já assistiu na escola: _____

[Se passa filmes na escola] Você gosta dos filmes que passam na escola? Por que você gosta? [desenham os personagens? Etc...]

ANEXO 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS E COORDENADORAS

Entrevista com as Professoras/Coordenadoras pedagógicas sobre os programas de TV preferidos das crianças

I PARTE – questões gerais

Escola:

particular

pública

Curso de formação profissional: _____

Há quanto tempo leciona? _____ anos. Há quanto tempo leciona nas séries iniciais? _____ anos

Gostava de assistir Desenhos Animados quando criança?

gosta muito

gostava um pouco

não gostava

não tem TV

Em caso afirmativo (muito ou um pouco), qual (is) era(m) o(s) seu(s) desenho(s) preferido(s)?

Com que frequência assiste televisão atualmente?

- todos os dias
- alguns dias da semana
- aos finais de semana
- de vez em quando
- raramente ou nunca

Possui TV por assinatura?

- não
- sim

O que costuma assistir na televisão?

- desenho animado
- filme
- novela
- jornal/notícias
- outro. Qual? _____

Entre os tipos de programas acima, qual deles prefere assistir?

Ainda assiste Desenhos Animados?

- assiste sempre
- assisto às vezes
- não assisto

Em caso afirmativo (assisto sempre ou às vezes), qual (is) desenho(s) gosta de assistir?

Possui filhos ou filhas?

não

sim. Qual a idade deles? _____

Se possui filho(s)/filha(s), o que eles gostam (ou gostavam de) assistir na televisão (quando eram da idade de seus alunos das séries iniciais)?

II PARTE – conversa sobre os programas selecionados

1º) ICarly. O QUARTO NOVO

Já **conhecia** esse programa?

Sabe se os **seus alunos** o conhecem? Em caso afirmativo, o que eles comentam sobre esse programa na escola? (cantam a música, mencionam o nome dos personagens, desenham os personagens, etc...)?

Falemos um pouco sobre as **impressões da senhora** sobre o episódio apresentado.

Acha adequado à **faixa etária** de seus alunos (aproximadamente 7 anos)?

O que achou do **enredo** do episódio, da historinha?

O que achou dos **personagens** (da **Carly**, a personagem principal, da **Sam**, do **Freddie**, do **Spencer**)?

Que **efeitos** a senhora acha que esse programa/episódio tem sobre os seus alunos? Acha que ele transmite valores (exemplifique)? Ou anti-valores (exemplifique)? Ou trata-se basicamente de entretenimento (palhaçadas de Spencer, etc)?

A **escola utiliza** programas de televisão (seriados ou desenhos animados) em suas atividades regulares? Em caso afirmativo, de que forma?

Acha que esse programa/episódio poderia ser apresentado na escola como **parte das atividades regulares** com os alunos? De que forma acha que se poderia utilizar esse tipo de mídia no dia-a-dia da escola?

Já **conhecia** esse desenho?

Sabe se os **seus alunos** o conhecem? Em caso afirmativo, o que eles comentam sobre esse programa na escola? (cantam a música, mencionam o nome dos personagens, desenham os personagens, etc)?

Falemos um pouco sobre as **impressões da senhora** sobre o episódio apresentado.

Acha adequado à **faixa etária** de seus alunos (aproximadamente 7 anos)?

O que achou do **enredo** do episódio, da historinha?

O que achou dos **personagens** (do **Bob Esponja**, o personagem principal, do **Sr. Siri Queijo**, do **Lula Molusco**, do **Patrick**)?

Que **efeitos** a senhora acha que esse programa/episódio tem sobre os seus alunos? Acha que ele transmite valores (exemplifique)? Ou anti-valores (exemplifique)? Ou trata-se basicamente de entretenimento (palhaçadas do Bob Esponja, etc)?

A **escola utiliza** programas de televisão (seriados ou desenhos animados) em suas atividades regulares? Em caso afirmativo, de que forma?

Acha que esse programa/episódio poderia ser apresentado na escola como **parte das atividades regulares** com os alunos? De que forma acha que se poderia utilizar esse tipo de mídia no dia-a-dia da escola?

APÊNDICE 1 – CÓPIA DOS EPISÓDIOS DOS PROGRAMAS SELECIONADOS